



Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de História

MALLU TICIANE CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**ANÁLISE DO PENSAMENTO REPUBLICANO DO PROFESSOR
SERGIPANO BALTHAZAR DE ARAÚJO GÓES (1853-1913)**

São Cristóvão - SE

Maio, 2017

MALLU TICIANE CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**ANÁLISE DO PENSAMENTO REPUBLICANO DO PROFESSOR
SERGIPANO BALTHAZAR DE ARAÚJO GÓES (1853-1913)**

Monografia de licenciatura apresentada à
Universidade Federal de Sergipe como
requisito de finalização da disciplina Prática
de Pesquisa e Conclusão do Curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Maria Matos
Antônio

São Cristóvão, 2017

AGRADECIMENTOS

Esta monografia tem uma significação muito grande, pois é a conclusão de uma jornada de mais de quatro anos dedicados ao curso de Licenciatura em História. Para conseguir chegar até aqui tive o auxílio de muitas pessoas que, sem elas, a caminhada seria impossível de realizar. Agradeço primeiramente a Deus, pois sem o seu amor, força e sustentação seria impossível concluir o curso e, muito menos, este trabalho monográfico. Por isso, muito obrigada meu Pai Celestial por tudo.

Agradeço, também, aos meus pais Lourival José dos Santos e Maria Valdelice Conceição dos Santos por todo apoio e dedicação a mim ofertados; ao meu irmão Tiago José dos Santos e ao meu sobrinho Calebe pelo amor, carinho e, em especial, à compreensão deste último em todos os momentos que batia à porta do meu quarto para mim ver e eu não podia dar tanta atenção, por estar estudando.

Agradeço, também, aos meus avós paternos e maternos, respectivamente, Enoque Rufino dos Santos e Doralice Ribeiro de Lima, Antônio Francisco dos Santos e Maria da Boa Viagem Corrêa de Souza por todo amor e carinho, em especial a esta última que desde minha infância contava histórias e me emprestava seus livros do século passado; e aos meus tios, tias e todos os familiares.

Dedico meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, professora Dr. Edna Maria Matos Antônio por todos os ensinamentos e pelo acompanhamento a mim desvelado. Em muitos momentos pensei que não conseguiria realizar em tão pouco tempo este trabalho, porém sua postura segura, competente e sempre de bom humor me encorajaram. Te admiro há muito tempo, desde as aulas da disciplina Brasil Colonial, agora admiro mais ainda. Tenho que agradecer, também, a todos os professores do Departamento de História da UFS, em especial a Carlos Franco Liberato de Sousa, Claudefranklin Monteiro Santos e Antônio Fernando de Araújo Sá.

Agradeço, também, a Jairton Peterson Rodrigues dos Santos, supervisor técnico do Estágio em História I que se tornou um grande amigo; a todos os meus colegas da graduação pelo companheirismo e apoio, em especial a Cassiano Celestino, Wesley Santos, Luiz Carlos, Lucas Luiz, Denisson Teles, Márcio Lima, Rosângela Santa, Bruna Caroline.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Neste trabalho são analisados o pensamento republicano de Balthazar Góes e as ideias republicanas manifestadas na imprensa sergipana no final do Império. A metodologia adotada foi a da leitura e interpretação de fontes jornalísticas e a análise da biografia escrita pelo republicano supracitado, que é principal objeto deste estudo. Fizemos usos das premissas teóricas proposta pela História política renovada. Da análise, foi possível constatar que Balthazar foi um agente muito participativo no cenário político sergipano no final do Império e que militou contra a Monarquia bem como foi possível identificar um movimento republicano bem organizado em Sergipe e que a propaganda foi realizada, de forma bem expressiva, através de jornais.

PALAVRAS-CHAVE: República; Império; Imprensa; Sergipe.

ABSTRACT

In this work we analyze the republican thinking of Balthazar Góes and the republican ideas manifested in the Sergipe press at the end of the Empire. The methodology adopted was the reading and interpretation of journalistic sources and the analysis of the biography written by the aforementioned republican, which is the main object of this study. We made use of the theoretical premises proposed by renewed political history. From the analysis, it was possible to verify that Balthazar was a very participatory agent in the political scene sergipano at the end of the Empire and that militated against the Monarchy as well as it was possible to identify a republican movement well organized in Sergipe and that the propaganda was carried out, quite expressively , Through newspapers.

KEYWORDS: Republic; Empire; Press; Sergipe.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 6 |
| 2. A CRISE DO IMPÉRIO E A IMPLEMENTAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL | 13 |
| 3. A CRISE POLÍTICA BRASILEIRA E SEUS IMPACTOS NA PROVÍNCIA DE SERGIPE | 23 |
| 4. ANÁLISE DO PENSAMENTO REPUBLICANO DO PROFESSOR BALTHAZAR GÓES | 32 |
| 5. A IMPRENSA REPUBLICANA EM SERGIPE | 49 |
| 6. CONCLUSÃO | 62 |
| 7. FONTES..... | 64 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Cor e condição jurídica na Cotinguiba, 1872. | 27 |
|--|----|

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o pensamento republicano do professor sergipano Balthazar de Araújo Góes (1853-1913). A pesquisa terá um recorte temporal que vai de 1885 a 1890, anos finais do Império no Brasil e introdução da República. O referido professor desempenhou o magistério em Laranjeiras e em Aracaju, e publicou obras como *Apostilas de Pedagogia*, *Zuca*, a *Biografia de Horácio Hora* e a *História da República em Sergipe – Apontamentos para a história – 1870 a 1889*, obra onde o autor relata o movimento republicano em Sergipe no final do Império, deixando transparecer sua contribuição na luta contra a monarquia e a atuação de outros conterrâneos nesse processo.

O que motivou esse estudo foi o interesse em conhecer a contribuição do referido intelectual sergipano nos movimentos em favor da República e em que consistia seu pensamento político. Então, os objetivos da pesquisa são: entender a crise da monarquia, com ênfase no estado de Sergipe, visto que a maioria das pesquisas estão centradas no Rio de Janeiro, por ter sido a capital do Brasil nesse momento; conhecer a atuação política de Balthazar Góes nesse período e como os ideais republicanos e de democracia influenciaram seu pensamento; perceber como ocorria a propagação dessas ideias, através da imprensa, principal veículo comunicativo de Sergipe, na época.

Para tal, foram escolhidos alguns exemplares de jornais de circulação no estado, que foram fundados por integrantes do futuro Clube Republicano¹ de Sergipe, sendo que Góes foi um dos criadores do clube e um dos principais redatores dos jornais. O professor ainda colaborou para a causa, lecionando na primeira escola noturna² de Laranjeiras, criada pelos republicanos que visavam formar as pessoas de pouco conhecimento, em especial os libertos³.

¹ Organização de grupo de intelectuais e simpatizantes ao movimento em prol da república, instituído em Laranjeiras, em 1888. Visavam dirigir ação acentuada contra o sistema monárquico e sus partidos. (GÓES, 1891, pág. 52)

² Sob a direção de Antônio Porto e Balthazar Góes. (GÓES, 1891, pág. 85)

³ Escravos que obtiveram a alforria ou conseguiram a liberdade após a abolição da escravatura.

Os jornais criados por esse grupo foram: *O Horizonte*, *O Laranjeirense* e *O Republicano*. Dos quais dispomos de alguns exemplares, coletados na Biblioteca Municipal Epifânio Dória, localizada no Bairro 13 de Julho em Aracaju e no acervo digital da Universidade Federal de Sergipe. No que se refere à periodicidade desses jornais, um substituíu o outro, à medida que o movimento ganhava novas nuances. Isto é, era basicamente o mesmo veículo de imprensa, mas com nome e uma “roupagem” diferentes.

A outra fonte é o livro *A República em Sergipe*⁴, do autor supracitado, que foi lançado em 1891, primeiros anos da nova forma de governo e ainda no calor dos acontecimentos. Nele Góes relata vários aspectos do movimento em prol da república em Sergipe, trazendo-nos uma série de informações sobre o período, sob a perspectiva do autor que é o principal objeto de estudo desta pesquisa. Nele vem, ainda, uma série de documentos no apêndice, como atas de reuniões que foram coletadas por ele.

Este estudo é muito importante, pois levará os leitores a conhecer mais sobre o movimento republicano em Sergipe, observando as insatisfações da época e entender a contribuição dos intelectuais, dando ênfase a um sujeito que colaborou significativamente com esse processo, mas que não se tornou o centro das atenções no que se refere às pesquisas históricas.

Balthazar Góes lutou ao lado de Felisbelo Freire, que além de compartilhar os mesmos ideais era, também, seu amigo pessoal e por quem nutria uma grande admiração⁵. Este é alvo de diversos estudos no campo da história, faz-se diversas referências às suas produções historiográficas. Nada mais justo devido sua contribuição. Porém, observamos uma carência muito grande de pesquisas sobre Góes. Isso ocasionou uma curiosidade, levando-nos a estudar sobre ele e a dar mais notoriedade à sua campanha em prol da República.

Na abordagem foram utilizados os conceitos de Nova História Política e novo modelo Biográfico, sob a perspectiva da Nova História, tal como formulados pelos autores José D’Assunção Barros, René Remond e Vany Pacheco Borges. Vale ressaltar a mudança do conceito de documento, sendo um produto cultural, como aponta Maria de

⁴ Escrito por Balthazar Góes, motivado por seu forte patriotismo, como ele mesmo admite.

⁵ É possível constatar isso através da leitura do livro *A República em Sergipe*.

Lourdes Janotti e Tânia Regina de Luca, que veremos mais adiante. Concernente à Nova História, Janotti aponta que na década de 80 do século XX, ocorreu uma crise nos paradigmas, onde as incertezas conceituais passaram a assombrar a mente dos intelectuais, principalmente a dos economicistas, estruturalistas e deterministas. (JANOTTI, 2010, p. 16)

Isso aconteceu, provavelmente, devido às diversas transformações pelas quais o mundo estava passando nesse período. Essa crise nos paradigmas deu lugar à uma nova concepção de história, sob perspectivas renovadas, onde a interdisciplinaridade tornou-se um meio utilizado para ampliar as interpretações.

No que se refere à História Política, Barros esclarece que durante muito tempo, principalmente no início do século XX, foi cercada por uma série de críticas e até mesmo de desinteresse por parte dos historiadores em produzir gêneros desse tipo. Isso ocorria devido ao caráter apresentado pela Velha História Política que tinha como características principais enaltecer os grandes homens e dar ênfase à política dos grandes estados, que eram considerados pelos historiadores positivistas do século XIX, como os grandes e únicos condutores dos acontecimentos da sociedade. (BARROS, 2004, p. 107)

Contudo, a partir da década de 1980, passou a retornar o interesse por esse tipo de gênero, agora sob a ótica da nova história. Esta passou a abordar outras formas de poder, como os micro poderes do cotidiano, as grandes massas populares, o indivíduo comum, a trajetória política de alguém que merece mais destaque, dentre outros. Onde se enquadra o objeto deste estudo.

A biografia, por sua vez, também foi durante um vasto período deixada um pouco de lado pelos historiadores. Isso porque, anteriormente, esse gênero foi com frequência confundido com um trabalho próprio da Literatura, não aceitando, muitos estudiosos, a incluí-lo no campo da História. Mas, igualmente à história política, passou por uma transformação, acompanhando os novos conceitos que passaram a vigorar no período citado. De acordo com Barros, a biografia pode ser encarada tanto como domínio quanto como abordagem. Como abordagem, consiste em ser um meio para alcançar algo que está além. Já como um domínio, vem apresentada em forma da história de vidas humanas. (BARROS, 2004, p. 187)

A biografia enquanto abordagem é um recurso muito utilizado na História Social, destacando-se, principalmente, a micro história. Essa corrente faz uso dessa metodologia para que através do indivíduo, possa chegar a entender o todo. Isto é, o indivíduo serve de acesso ao todo. É um caminho para fora e não para dentro do sujeito. (BARROS, 2004, p. 189-193).

Mais adiante o autor defende que perante à perspectiva atual, esse gênero tem sido utilizado como abordagem e não como domínio. Visto que, como domínio, geralmente o sujeito tinha suas atitudes enaltecidas, além de ser proveniente das camadas mais abastadas e seus atos eram relatados sem a preocupação de tentar entender o meio em que ele vivia.

Já Janotti, afirma que não existe o retorno da biografia, pois nunca deixou de ser totalmente utilizada, mas atribui o seu atual sucesso às novas posturas metodológicas. Atualmente, existem variadas perspectivas biográficas. Há a biografia modal, onde o indivíduo reflete o coletivo. Tem a biografia que serve como complemento para se entender as estruturas da sociedade em que está inserido e o comportamento de seus pares. E existe, também, sob o interesse de dar mais destaque às minorias e excluídos. (JANOTTI, 2010, p. 20).

Relativo a isso, Borges adverte sobre a importância do cuidado com as generalizações. Não se pode esquecer de que cada indivíduo, apesar de sofrer influência do meio, não está enraizado em seu meio social. Destacamos, ainda, que é preciso entender que existem as individualidades de cada sujeito e de que ele está sempre em movimento. (BORGES, 2010, p. 207)

Sobre a mudança do conceito de documento, foi utilizado Janotti e Luca como metodologia. Janotti aponta que, na segunda metade do século XIX, havia parâmetros metodológicos rígidos. Uma vez que, os cientificistas defendiam que era necessário confrontar a documentação para conseguir reconstituir, de forma verídica, os acontecimentos do passado, relacionando causa e consequência. Com o advento do método da Nova História, essa mentalidade é mudada, como já foi explicado anteriormente. (JANOTTI, 2010, p. 11).

Devido a já mencionada crise dos paradigmas e às diversas transformações ocorridas na metodologia da História, houve uma mudança no conceito de documento.

Para ilustrar isso, destacamos a utilização dos jornais como fonte histórica. Logo que, será umas das fontes utilizadas nesta pesquisa. De acordo com Luca, na década de 1970, ainda eram poucas as pesquisas que utilizavam os jornais como fonte histórica. (LUCA, 2010, p. 111)

Já havia, nessa ocasião, uma busca pela história da imprensa, mas ainda era insistente a resistência pela história por meio da imprensa. Acreditava-se que essa fonte era duvidosa, tendenciosa e parcial. Alguns acusavam de falta de objetividade e outros de que os jornais e revistas estavam sempre a serviço das classes dominantes, revelando assim, apenas uma perspectiva ou somente uma versão dos acontecimentos.

Versando com o estudo da Nova História Política, segundo Luca, esse gênero não poderia deixar de utilizar a imprensa como fonte em suas pesquisas. Isso porque, é através dos veículos comunicativos que são registrados cada lance dos embates na arena do poder. Isso dá mais embasamento para esta pesquisa, que visa descobrir a contribuição de Balthazar Góes e os aspectos de seu pensamento republicano, através também, dos jornais produzidos por ele e por seu grupo político.

As fontes utilizadas para esta pesquisa, como já foi mencionado anteriormente, consiste em jornais do recorte temporal estudado e do livro redigido por Góes, sujeito esse que é o próprio objeto deste estudo. Através do livro, é possível fazer uma série de análises do discurso do autor, conceitos chaves utilizados por ele (onde é plausível captar características do período e do meio em que ele estava inserido), além de poder descobrir como foi realizada, em Sergipe, a campanha em prol da república, tudo isso sob a ótica do escritor.

No que se refere aos jornais, serão utilizados três periódicos sergipanos, que foram fundados e redigidos em Laranjeiras no recorte de tempo deste estudo. São eles: *O Horizonte*, *O Laranjeirense* e *O Republicano*. Do primeiro serão utilizadas nove edições de 1885, do segundo foram selecionados quatro folhetins de 1888 e do terceiro apenas uma publicação do ano de 1890.

Para entender como funcionavam esses periódicos, é necessário entender como a imprensa se organizava no século XIX. De acordo com Luca, a imprensa nesse tempo era produto de um único indivíduo que arcava com os custos. Tinha um caráter doutrinário e

servia como mecanismo de combate, defesa apaixonada de ideias e influência no meio público. (LUCA, 2010, p. 133)

Os jornais aqui utilizados como fontes, têm uma origem semelhante à da explicação dada por Luca. Eles foram criados por membros do Clube Republicano Laranjeirense, com o objetivo de divulgar suas ideias. Para fazer uso desse recurso como fonte é preciso atentar para algumas coisas de suma importância, como, após localizá-las, averiguar as condições oferecidas para a consulta.

Além disso, segundo Luca, é necessário verificar se os exemplares estão em bom estado de conservação e se há a possibilidade de obter longas séries completas. Nem sempre isso é possível, é o que foi constatado ao realizar esta pesquisa. Apesar de muitos jornais já estarem digitalizados e disponíveis para a pesquisa, às vezes não conseguimos todos os exemplares que precisamos. Identifiquei que alguns jornais estavam com manchas bem escuras. Dificultando a leitura, e posterior interpretação das fontes.

O estudo aqui realizado é norteado pelas seguintes hipóteses: a crise da monarquia e o envolvimento do professor Balthazar Góes, dentre outros intelectuais sergipanos, no movimento republicano provavelmente foi motivado por grande insatisfação. Ao ler o livro *A República em Sergipe*, que é uma das fontes utilizadas neste trabalho, constatamos que o autor fez várias críticas à maneira que a província era tratada pelo governo imperial. Ele afirmava que Sergipe vivia em condição de abandono. (GÓES, 1891, p. 24)

Em outra fonte, uma publicação do jornal *O Laranjeirense*, do dia 26 de agosto de 1885, observamos as duras críticas à postura do governo. Dentre eles reclamavam do aumento dos impostos, da centralização de poder, das regalias e benefícios destinados a poucos. Chegaram a fazer a seguinte afirmativa: “Pobre paiz (sic)! Pobre província de Sergipe”.

Essa insatisfação também pode ter sido gerada, por causa, da crise do exército, após a Guerra do Paraguai. Provavelmente, outra influência para o movimento contra a monarquia adveio dos estudantes de direito, da Escola do Recife, e a de medicina, na Bahia. Muitos jovens sergipanos foram estudar nessas localidades e podem ter trazido as ideias de democracia, liberdade e progresso.

Essas inquiuições só poderão ser confirmadas através da leitura e interpretação das fontes e do estudo da bibliografia sobre essa temática. Ao longo da pesquisa obteremos

embasamento para comprovar as hipóteses citadas, ou até mesmo, descobrir outras motivações para a crise da monarquia e os fatores que levaram Góes a envolver-se nessas questões políticas.

Este trabalho é composto das seguintes partes: introdução, quatro capítulos e conclusão. No primeiro capítulo, foi apresentada uma contextualização da crise da monarquia e as ideias republicanas, no Rio de Janeiro; no segundo capítulo foi realizada uma contextualização da situação enfrentada em Sergipe e sua reação à crise do Império; o terceiro capítulo foi dedicado à análise do pensamento republicano de Balthazar Góes; e no quarto capítulo foi abordada a propaganda republicana através da imprensa laranjeirense.

CAPÍTULO 1

A CRISE DO IMPÉRIO E A IMPLEMENTAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL

Neste capítulo iremos abordar quais foram as possíveis causas que resultaram na queda do Império brasileiro em fins do século XIX, o florescimento do ideal republicano e a implementação do novo modelo político depois da proclamação da República. Ao longo deste tópico, serão citados e mencionados os principais fatores que contribuíram para a crise da Monarquia, dentre eles estão inseridas questões de cunho ideológico, econômico e político.

Para auxiliar na compreensão dos fatores ideológicos que cooperaram para o fim do Antigo Regime, observaremos as correntes de pensamento que estavam no auge no cenário mundial, nesse período, e como o Brasil foi influenciado por elas.

Na segunda metade do século XIX, foram desenvolvidas algumas teorias na tentativa de explicar a sociedade e solucionar os problemas nela existentes. As novas ideias circulavam entre os cientistas europeus da época e se popularizaram pelo mundo ocidental, a ponto de vários estudiosos serem influenciados por elas. Dentre as teorias que ascenderam nesse período podemos citar a Eugenia⁶, o Positivismo⁷, o Liberalismo⁸, o evolucionismo, um anticlericalismo cada vez mais acentuado e o combate às instituições monárquicas, influenciado principalmente pela Revolução Francesa.

Devido a essas influências é possível observar o florescimento do ideal de progresso, ligado à corrente evolucionista do meio social. Como aponta Margarida de Souza Neves, professora emérita de História da PUC-Rio, o tempo histórico era observado como uma representação linear em constante aceleração. (NEVES, 2003, p. 23)

⁶ Essa teoria foi denominada de Eugenia, que significa “boa origem”, ou ainda, “bem-nascido”. O fundador foi o inglês Francis Galton, que inspirado no conceito de seleção natural⁶ criado por seu primo Charles Darwin, escreveu o livro “Inquiries into Human Faculty and Its Development”, de 1883, que traduzido para o português significa “Inquéritos sobre faculdade humana e seu desenvolvimento”. No livro “A Origem das Espécies e a Seleção Natural”, de Charles Darwin, defendia que na natureza, os mais aptos sobreviveriam.

⁷ Corrente de pensamento que surgiu em meados do séc. XIX e acreditava que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o único conhecimento verdadeiro e que as leis científicas regeriam todas as esferas, tanto natural, social, cultural, política, etc. O principal idealizador dessa filosofia foi Auguste Comte.

⁸ Prega a liberdade política e econômica, que determina a não intervenção do Estado na economia.

Isto é, o tempo era visto como um contínuo entre dois polos, em que o ponto de partida se dirigia ao alvo. Esse ponto de partida representava a situação mais arcaica, original, sem lapidação, enquanto que o ponto de chegada, o alvo, era o estado mais evoluído, lapidado pela ciência e pela educação. Esse era um percurso que todas as nações faziam, por isso o progresso era associado à civilização, e ambos além de serem almejados eram considerados como inevitáveis.

Na época, não havia a concepção de que essa ideologia estava baseada numa visão profundamente etnocêntrica, que não respeitava as diferenças culturais e sociais de cada país. A autora compara essa mentalidade com uma espécie de religião leiga, pois havia se tornado uma crença inabalável na marcha do progresso da humanidade. (NEVES, 2003, p. 24)

Em relação ao Brasil, na passagem do século XIX para o XX, tornou-se crescente o anseio pelo desenvolvimento e pela modernização do país. A impressão que se tinha nas grandes cidades era de vertigem e aceleração do tempo, é o que aponta Souza Neves. As cidades cresciam, o país recebia levas de imigrantes que vinham em busca de melhorar de vida na América. Tudo parecia estar em mudança acelerada: política, sociedade, inovação no campo das ideias, uma efervescência cultural, dentre outras coisas. (NEVES, 2003, p. 15)

Tudo parecia se encaminhar para o progresso. A única exceção era o campo, onde as transformações não eram sentidas dessa forma, viviam um verdadeiro marasmo. Continuavam imersos nas mesmas práticas de mandonismo e rígidas hierarquias senhoriais, baseadas na propriedade de terras.

Desde a década de 1860, novas conquistas da ciência, da técnica e uma série de invenções começaram a chegar ao Brasil, como o telefone, o telégrafo, a fotografia e o fonógrafo, além dos avanços na medicina. Essas novidades surpreenderam a população e transformaram o cotidiano. (NEVES, 2003, p. 21)

No que se refere às transformações ocorridas no âmbito da política, para o historiador José Maria Bello, a ideia republicana começou no Brasil desde o período regencial com os movimentos nativistas e republicanos que insurgiram nesse período. A ascensão de Pedro II, em 1840, fez acalmar toda essa agitação e adiou a queda do regime. De acordo com ele, a calmaria deveu-se mais ao cansaço, ao qual foram acometidas as

forças contrárias à monarquia, do que por crença no próprio regime⁹. (BELLO, 1976, p. 14)

Até 1870, existia no Brasil apenas o Partido Liberal e o Conservador, ambos monarquistas. Nesse ano em questão, foi redigido o Manifesto Republicano e fundado o Partido Republicano em São Paulo. Logo após, outras províncias como Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro, seguiram o exemplo de São Paulo e aderiram à campanha republicana. (NUNES, 2006, p. 258)

É o que também assinala Souza Neves, que ainda acrescenta que vários clubes republicanos foram fundados em outras partes do país, foram eleitos dois representantes do movimento para a Câmara dos Deputados e também foram organizados Congressos Republicanos, como os de 1887 e 1888. Algumas obras de grande aceitação pelo público leitor foram publicadas, como *A República Federal*, de J. F. de Assis Brasil e o *Catecismo Republicano*, de Alberto Sales, com tiragem de 10 mil exemplares na época. (NEVES, 2003, p. 29)

No que se refere ao Clube Republicano Paulista, seu fundador foi Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva¹⁰, um dos primeiros republicanos brasileiros a se declarar contra a monarquia. Nesse mesmo período, outros republicanos se destacaram como o Tenete-Coronel Benjamin Constant¹¹, líder dos membros da Escola Militar, e Miguel Lemos, positivista. (NUNES, 2006, p. 258)

A campanha republicana abrigou tendências diferenciadas, entre os quais os chamados republicanos históricos, os positivistas, os moderados, os liberais, os que aderiram ao movimento após a abolição, dentre outros. (NEVES, 2003, p. 29)

O movimento republicano era formado por integrantes os mais variados possíveis, dentre eles, principalmente, fazendeiros do café, participantes da indústria e profissionais

⁹ A figura do Imperador-menino, “órfão da nação”, gerava um sentimentalismo nos brasileiros. Durante seu reinado, tinha a imagem de homem honesto, tímido, retraído, sincero, isolado e desapegado ao dinheiro. Contudo, envolveu-se em alguns assuntos que fragilizaram seu governo, como a Guerra do Paraguai e a Questão Religiosa.

¹⁰ Foi um republicano liberal que redigiu o manifesto de 1870, foi eleito chefe do partido republicano brasileiro no congresso em São Paulo e representava todos os propagandistas civis, os chamados de republicanos históricos.

¹¹ Benjamin Constant: professor, militar, republicano, muito importante no processo da Proclamação da República e positivista convicto.

liberais. Thetis Nunes também concorda que o movimento republicano era composto por forças heterogêneas que não encontraram um denominador comum. Em muitos casos, o único ponto de conciliação era a vontade de se “divorciar do trono” e a concepção de que a República era a solução para as questões mal resolvidas da nação.

Posteriormente, no final do século XIX, haviam três grupos que disputavam a natureza do novo regime: os jacobinos, os liberais e os positivistas. Os jacobinos¹² eram inspirados na Revolução Francesa e tinham uma concepção de república por intermédio da participação direta de todos os cidadãos. Os liberais buscavam uma nova organização social, em que os indivíduos eram autônomos com interesses mediados pelo mercado. Já os positivistas, influenciados diretamente pelas ideias de Comte, arquitetavam as estratégias políticas para a realização das transformações sociais tão almejadas. (CARVALHO, 1998, p. 9)

Os republicanos brasileiros de inspiração jacobina, faziam uso dos meios propagandísticos para alcançar a mente e o coração das pessoas. Objetivavam conseguir o apoio e envolvimento popular na causa revolucionária, através de toda uma simbologia que mexeria com o imaginário dos brasileiros. Carvalho aponta que os envolvidos nesse movimento, como por exemplo Silva Jardim¹³, pregavam a derrubada da monarquia em comemoração ao centenário da Revolução Francesa. (CARVALHO, 1998, p. 12)

Os positivistas também fizeram uso de simbolismo para envolver a população. Na verdade, eles utilizaram mais eficazmente esse recurso, manipulando os símbolos¹⁴ do novo regime, como a criação de uma nova bandeira e do hino nacional, encheram as ruas de estátuas e monumentos em homenagem à República e trocaram nomes de ruas para reconstrução do imaginário social. Uniam o novo, que era a tão sonhada modernidade, ao tradicional.

Enquanto o modelo jacobino tinha uma concepção de república semelhante as das repúblicas antigas de Atenas, Roma e Esparta, os positivistas tinham uma percepção de república relacionada à liberdade moderna. Pretendiam conciliar liberdade e exercício de

¹² Chamados assim em alusão aos jacobinos franceses que lutaram na revolução que iniciou em 1789.

¹³ Antônio da Silva Jardim, jornalista, um dos mais destacados políticos republicanos, muito atuante na propaganda em prol da República.

¹⁴ Os republicanos tentaram eliminar (ou ressignificar) os sinais do antigo regime, para assim, extinguir tudo que pudesse perturbar o sentimento de solidariedade cívica.

poder. De acordo com Carvalho, não era mais a liberdade do homem público, mas a liberdade individual, garantida pela liberdade política representativa. (CARVALHO, 1998, p. 20)

Aqui no Brasil, a monarquia tinha vários assuntos a serem resolvidos. Dentre eles estava a questão da formação da nação, pois a escravidão e a diversidade racial deixavam dúvidas a respeito do papel do negro e do mestiço na sociedade.

Anterior ao 13 de maio, para a Constituição monárquica, era considerado cidadão quem nasceu “ingênuo”, isto é, livre. Portanto os forros não se encaixavam nessa definição legal de cidadão. Já nos outros países da América, com exceção do Haiti, a cidadania plena acabou vedada aos descendentes livres de escravos. (MATTOS, 2003, p. 17-24)

Depois da abolição, a necessidade do Estado brasileiro de redefinir o conceito de cidadania continuou. Contudo, o imperador não conseguiu solucionar essa questão, uma vez que, estava muito ocupado tentando conter os ex proprietários indignados com a libertação dos escravos. (CARVALHO, 1998, p. 24)

Esse sentimento de contrariedade e revolta por parte dos grandes fazendeiros, foi ocasionado pela libertação sem indenização. De acordo com a historiadora Hebe Matos, a lei brasileira sinalizava um processo gradual de abolição. Contudo, isso seria feito mediante ressarcimento aos senhores de escravos, para não ferir o direito de propriedade. Inclusive, tinha sido criado um fundo de emancipação, em 1871. (MATTOS, 2009, p. 23)

Além disso, há muito tempo os proprietários rurais sentiam-se sufocados pelo centralismo da monarquia, tinham o objetivo de adotar o federalismo e uma postura liberal, a exemplo do modelo americano. Mas o Brasil não possuía a mesma estrutura social que os Estados Unidos, pois aqui as desigualdades eram muito grandes e o modelo de república liberal iria sacrificar essas desigualdades, deixando-as cada vez mais acentuadas. (CARVALHO, 1998, p. 25)

É o que também defende a historiadora sergipana Terezinha Oliva de Souza. Segundo ela, o liberalismo não era adequado para a situação político-econômica do Brasil, pois esse modelo serviria para legitimar e sustentar o poder da mesma elite: a dos grandes proprietários rurais. (SOUZA, 1985, p. 17)

Já Ibarê Dantas vai além, ele afirma que o movimento surgiu num contexto contraditório. Era uma sociedade com uma formação social escravocrata, que sob a inspiração liberal, almejava o sistema de governo representativo, onde haveria a descentralização político-administrativa e seria colocado em prática a soberania popular. O autor defende que esse movimento foi, em sua mais expressiva contribuição, advindo da elite política e econômica do país, mas não descarta a contribuição das camadas médias urbanas, que apesar de alguns terem envolvimento com a classe dominante, representavam majoritariamente a classe média. (DANTAS, 1989, p. 21)

Esse grupo que representava a classe média urbana, composto por profissionais liberais, jornalistas, estudantes, professores, advogados, médicos e outros cidadãos das camadas médias da sociedade, acusavam a monarquia de excessiva centralização de poder e limitação das oportunidades de trabalho. Eram contra a república liberal, aproximando-se mais da jacobina, mas também não viam nela a solução dos problemas.

Os positivos, por sua vez, pregavam a condenação da monarquia a favor do progresso. Em seu lugar entraria em ação um governo forte e intervencionista, o que deram o nome de ditadura republicana, que seria totalmente separado da Igreja e com a incorporação do proletariado à sociedade moderna. (CARVALHO, 1998, p. 27)

De acordo com Carvalho, um setor que foi muito atraído por essa corrente, foi o dos militares. Isso ocorreu pelo fato dos positivistas darem muita ênfase à ciência e os militares terem uma formação técnica, em vez de literária como ocorria com as pessoas da elite. Os republicanos do Rio Grande do Sul, provavelmente por causa de sua tradição militar, também aderiram ao positivismo. (CARVALHO, 1998, p. 28)

Em São Paulo, liderava como chefe do Partido Republicano Quintino Bocaiuva, enquanto que Saldanha Marinho¹⁵ era o chefe do partido no Rio de Janeiro, que se encontrava desorganizado e dividido entre as correntes evolucionista, revolucionária, civilista e militarista. Isso preocupava profundamente os republicanos de outras províncias, pelo fato do Rio de Janeiro ser a capital do império e o movimento lá estar tão dividido.

¹⁵ Joaquim Saldanha Marinho foi um sociólogo, jornalista e político brasileiro.

Os republicanos históricos queriam o apoio do Exército para conseguirem proclamar a república, mas esse setor seria apenas um instrumento. Os deodoristas¹⁶, por sua vez, queriam a participação dos históricos no movimento apenas para aparentar uma espécie de apoio popular. Os deodoristas, dentro do grupo dos militares, eram os oficiais superiores que haviam lutado na guerra contra o Paraguai e jovens oficiais que fizeram a mobilização das tropas. Viam a proclamação como um ato militar e queriam prestígio e poder em reconhecimento dos trabalhos prestados na guerra. (CARVALHO, 1998, p. 39)

Diante dessa questão, a historiadora Terezinha Oliva de Souza vai além na análise pois para a autora quem teria feito a república foi a burguesia cafeeira. Para conseguir tal feito, utilizou a força do exército, que estava descontente com a monarquia, para conseguir proclamar a república. Afirmar, ainda, que a república é filha do liberalismo do século XIX e que o fim da monarquia aconteceu por causa da incompatibilidade entre o regime e as necessidades econômicas do setor cafeeiro. (SOUZA, 1985, p. 17)

Essa aliança entre os republicanos e os setores do Exército, é entendida por Costa como parte da conspiração, pois a nova elite precisava das forças armadas para colocar em prática suas estratégias conspiratórias. Serviria apenas como um instrumento para derrubar a monarquia e dar-lhes o poder. (COSTA, 1998, p. 15)

Therezinha Oliva de Souza compartilha do pensamento de Maria do Carmo Souza (1975), que dizia que a proclamação republicana foi um meio encontrado pela sociedade agrária para conseguir sobreviver, que faria uso do monopólio do poder, agora em nome da nação.

Como é possível constatar, muitos setores encontravam-se descontentes com o governo monárquico brasileiro. Para comprovar a agitação republicana generalizada, Souza Neves utiliza dois relatórios diplomáticos, de representantes da Espanha e do Reino Unido. Em que os mesmos relatam aos seus governos a situação em que o país se encontra. Um é de junho de 1888 e o outro de dezembro do mesmo ano. (NEVES, 2003, p. 30-32)

Ambos elencam como possíveis causas da instabilidade política, a doença do imperador, a impopularidade da princesa Isabel entre os fazendeiros, o crescimento da

¹⁶ Queriam a liderança política do Marechal Deodoro da Fonseca.

campanha republicana, sendo que o relatório de dezembro, feito pelo diplomata do Reino Unido, relata a adesão dos setores do exército. (NEVES, 2010, p. 30-32)

De fato, a situação de instabilidade política tendia a piorar. O imperador encontrava-se cada vez mais alheio ao que estava acontecendo. Desde o fim da Guerra do Paraguai¹⁷, ele havia se isolado e parecia tentar se refugiar em seus pensamentos. Em suas longas viagens pela Europa e pela América do Norte, não demonstrava preocupação com as questões do Estado. (BELLO, 1976, p. 8)

Além disso, a impopularidade da princesa herdeira era algo realmente preocupante, pois isso significava que o monarca, praticamente, não tinha um sucessor ao trono, uma vez que sua filha Isabel, era casada com um sujeito detentor de uma imagem completamente negativa, além de ser estrangeiro.

Segundo Bello, a propaganda republicana se mantém lenta e disfarçada. No mês em que foi proclamada a República, havia 77 jornais e 273 clubes republicanos espalhados pelo país. As províncias do Sul demonstravam maior envolvimento com as ideias republicanas do que as do Norte. Na região Sul, Rio de Janeiro e São Paulo se destacaram na campanha, já na região Norte Pernambuco foi a província que mais se destacaram na propaganda. (BELLO, 1976, p. 17-18)

Pouco tempo antes do golpe, os republicanos se aproximam dos militares para incitá-los ainda mais contra o império. Próximo ao golpe, os conspiradores se reúnem na casa de Deodoro (este havia ganhado muito prestígio em meio aos militares) para combinarem o levante. (BELLO, 1976, p. 28-29)

No dia 15 de novembro, as forças militares organizadas contra a monarquia se amotinaram na praça onde ficava o quartel. Depois de uma espécie de passeata militar pela manhã, foi deposto o gabinete Ouro Preto e proclamado a república. À tarde, um grupo de civis republicanos saíram às ruas convidando o povo a se reunirem na Câmara Municipal para o ato solene da Proclamação da República. À noite, na casa de Benjamin Constant, é escolhido o primeiro ministério republicano do governo brasileiro.

¹⁷ Durante a Guerra do Paraguai, o imperador envelheceu precocemente, antes dos 50 anos de idade, encontra-se de cabelo e barba brancos e aparência abatida.

A família real é mandada para o exílio na Europa sem nenhuma resistência esboçada pelo monarca. Antes disso, é instaurado um governo provisório para garantir a integridade da nação e para honrar com diversas obrigações do Estado, como assegurar o perfeito funcionamento dos órgãos administrativos e jurídicos e os compromissos, à nível nacional e estrangeiro.

Com relação às reações contrárias ao novo governo, as que mais se destacaram foi a do visconde de Ouro Preto e a do Silveira Martins, ambos acabaram exilados no exterior. Em todo o território nacional, o clima foi mais pacífico. Os presidentes das províncias aceitaram o ocorrido sem resistência, entregando o governo sem tanta dificuldade. Os países vizinhos receberam a notícia de maneira muito positiva. A Argentina, inclusive, chegou a prestar homenagens especiais à proclamação republicana brasileira. (BELLO, 1976, p. 39)

No primeiro momento republicano, a composição do ministério do governo provisório, liderado pelo presidente Deodoro da Fonseca, demonstra uma tentativa de conciliar interesses. Como o movimento republicano era tão heterogêneo, para conseguir legitimidade foram escolhidos representantes de cada setor insatisfeito com a monarquia.

De acordo com Souza Neves, para garantir o apoio dos cafeicultores, foi escolhido como ministro da justiça o paulista Campos Sales; o Ministério da Fazenda foi dado ao baiano Rui Barbosa, forte defensor do federalismo; Quintino Bocaiuva e Aristides da Silveira Lobo, republicanos históricos, respectivamente empossados, na pasta das Relações Exteriores e no Ministério do Interior; Benjamin Constant, militar e positivista, como Ministro da Guerra; Eduardo Wandenkolk, na Marinha, e um representante do Rio Grande do Sul, Demétrio Ribeiro, na pasta da agricultura. (NEVES, 2010, p. 35)

Em 1891, foi redigida a primeira Constituição brasileira após a proclamação da República. Ela foi baseada no modelo da Constituição dos Estados Unidos da América”, tendo como características o individualismo político e econômico, o federalismo e o liberalismo. De caráter profundamente excludente, em que os anseios da maioria não eram considerados e, muito menos, atendidos. Contudo, os estados passam a ter grande autonomia. (RESENDE, 2010, p. 93)

Os primeiros anos da República, no Brasil, foram marcados por práticas sociais excludentes, próprias da “velha ordem”. As antigas oligarquias se adaptaram à nova forma de governo rapidamente para se perpetuarem no poder.

CAPÍTULO 2

A CRISE POLÍTICA BRASILEIRA E SEUS IMPACTOS NA PROVÍNCIA DE SERGIPE

No presente capítulo estudaremos como ocorreu a Campanha Republicana em Sergipe e sua implementação após a proclamação, em novembro de 1889. Existem muitos trabalhos que abordam essa temática com um recorte espacial mais abrangente ou que centram suas pesquisas nas principais cidades do Império. Contudo, é importante analisar a participação de outras províncias nesse processo, principalmente as de pequeno porte e mais distantes da capital. Apesar de cada local está sujeito às tendências nacionais, cada um tem suas particularidades, suas vivências específicas, por isso a relevância de estudar Sergipe e sua campanha em prol da república.

Um dos principais motivos da revolta dos sergipanos em relação à monarquia e o principal tema de suas reivindicações, era o estado de abandono em que Sergipe se encontrava. A instituição monárquica não conferia, a então província, nenhum tipo de atenção, a não ser, a cobrança de altos impostos, que cresciam cada vez mais.

Não eram poucas as denúncias de abandono e de que Sergipe era esquecido pelo governo imperial na distribuição de seus favores. Felisbello Freire, considerado o primeiro historiador sergipano, afirmou em seu livro *História Constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil*, que a política imperial favorecia as grandes províncias em detrimento das pequenas. Estas possuíam menor quantidade de representantes na câmara, ficando assim, em situação de desvantagem. (FREIRE, 1894, p. 96-97)

As grandes províncias, como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, eram privilegiadas com os melhores cargos na administração pública, enquanto que as menores sempre eram desfavorecidas, não conseguiam interferir na política geral e estavam sempre sujeitas às decisões e determinações das maiores. (FREIRE, 1894, p. 96-97)

Nesse contexto de desigualdades e de abandono, começam a surgir em Sergipe, na segunda metade do século XIX, as primeiras manifestações públicas contrárias à Monarquia. A cidade que mais se destacou nesse processo foi Laranjeiras. Localizada no

vale da Cotinguiba, era um dos principais polos econômicos da província e um porto fluvial de escoamento do açúcar produzido lá. Por esse motivo mantinha uma certa comunicação com o exterior, que possibilitava conhecer e dialogar com o pluralismo ideológico que emergiu no período. (DANTAS, 1989, p. 23)

Além disso, Laranjeiras era o centro intelectual da província e tinha uma imprensa fortemente atuante. No final do século XIX, diversos sergipanos foram residir lá depois de concluírem seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia e de Direito no Recife. A cidade, como importante centro intelectual do estado, teve contato com diversas ideologias que vigoraram no período supracitado.

Em 1876, foi residir na cidade o médico baiano Domingo Guedes Cabral, que compartilhador do pensamento materialista, havia feito a tese “Funções do Cérebro”, que foi rejeitada anteriormente na Bahia. Ele contribuiu muito como divulgador das correntes de pensamento da época. De acordo com Freire, o referido médico viveu muitos anos em Laranjeiras e colaborou para a emancipação do pensamento e propagou a liberdade das ideias. (FREIRE, 1894, p. 265)

De acordo com Thetis Nunes, nesse período Laranjeiras passou por intensas transformações e uma situação de efervescência política. Algumas pessoas começaram a se posicionar contra a ordem vigente, dentre os quais, se destacaram ex-alunos da Faculdade de Direito do Recife, fortemente influenciados pelas ideias progressistas de Tobias Barreto e Sílvio Romero, e outros intelectuais que não tinham condições financeiras de estudar em outras províncias, mas tiveram contato com as correntes de pensamento que se difundiram nesse momento. (NUNES, 2006, p. 260)

No que se refere à Tobias Barreto, o historiador e político republicano Felisbello Freire escreveu orgulhoso que, através dele “exerceu Sergipe a maior influência histórica sobre a marcha da civilização brasileira”. Desempenhou um papel transformador da educação e influenciou fortemente seus discípulos. O evolucionismo e o positivismo presentes em suas ideias serviram de base para o pensamento intelectual de seus alunos dentre os quais havia alguns sergipanos. (FREIRE, 1894, p. 177)

Dentre os jovens intelectuais que se envolveram no processo republicano, Thetis Nunes cita o professor Balthazar Góes e o considera como precursor das ideias republicanas em Sergipe. Aponta não somente Góes, mas também Felisbello Freire,

Manuel Curvelo de Mendonça, Josino de Menezes, Serafim Vieira, dentre outros, e os define como os republicanos históricos do Estado. (NUNES, 2006, p. 260)

Faz-se necessário enfatizar que as ideias republicanas ganharam mais espaço entre os intelectuais, as pessoas da elite econômica e alguns setores do Exército. As camadas mais baixas, por sua vez, não tinham as mesmas oportunidades de acesso à educação e algumas delas nutriam uma grande admiração pelo Império, mais precisamente pela figura da princesa Isabel que assinou a Lei Áurea, à exemplo dos libertos que faziam parte da Guarda Negra.

Após termos constatado os principais representantes do movimento e seus ideais, é necessário observar, mais precisamente, como ocorreu o processo republicano em Sergipe. Como já foi mencionado, Laranjeiras foi o berço de toda essa agitação, foi nessa localidade que em 18 de outubro de 1888 foi assinado o Manifesto Republicano de Sergipe e fundado o partido de mesma orientação política. (FIGUEIREDO, 1986, p. 164)

Porém, antes de ser criado o Clube Republicano Federal Laranjeirense, foi fundado nessa mesma cidade o Clube Democrático, que teve como diretor Balthazar de Araújo Góes. Essa organização existiu por curto prazo, enquanto estava ativo, suas principais atividades se concentraram na realização de conferências em prol de educar o povo e divulgar os novos pensamentos. (GÓES, 1891, p. 69-70)

Uma delas teve como tema “o darwinismo”, o que deixa transparecer como essa instituição visava instruir a população sobre os modernos pensamentos que vigoravam na época, a fim de preparar o povo para receber a república e, posteriormente, conseguir participar dela. Foi criado para desenvolver ação mais acentuada contra o sistema monárquico e seus partidos. (GÓES, 1891, p. 52)

Já o Clube Republicano teve como diretor Felisbelo Freire, que mais na frente tornou-se primeiro governador republicano da província. De acordo com Freire, o movimento apresentou um caráter basicamente político e teve como principais colaboradores Josino de Menezes, Balthazar Góes, Vicente Ribeiro, Antônio Horta, Antônio Curvello, Leandro Diniz, Francisco Nogueira, Manoel David, Siqueira Menezes, Sylvio Bastos, Serafim Vieira, dentre outros. (FREIRE, 1894, p. 266)

Depois do primeiro Clube Republicano, outros clubes foram criados em outros lugares da província, como Propriá, Itaporanga, Aracaju e Estância. Tudo sob a influência

do que havia ocorrido no aquecido centro laranjeirense, apesar do clube de Estância não ter tido vida longa e os outros não chegarem nem a formar diretoria, todas essas organizações deram base ao Partido Republicano que seria fundado tempos depois. (SOUZA, 1985, p. 57)

Quanto ao que diz respeito ao Partido Republicano em Sergipe, de acordo com Freire, quando fundado organizou-se uma comissão diretora presidida por ele, e tendo por outros componentes do conselho fiscal Balthazar Góes, Rodrigues Nogueira, Antônio David, Antônio Curvello e Pinheiro da Fraga. (FREIRE, 1894, p. 266)

Para se ter uma noção das ideias gerais desse partido, iremos citar algumas de suas medidas estabelecidas em congresso em dezembro do mesmo ano de sua fundação. Dentre elas destacam-se a lei de criação de uma assembleia com representantes de todos os municípios da província, podendo votar todo cidadão maior de 21 anos e em pleno gozo de seus direitos civis. Em cada sessão ordinária seria eleita uma comissão para gerir e administrar os interesses do partido. (FREIRE, 1894, p. 267)

Como é possível observar, havia toda uma logística na administração da campanha. Um dos principais interesses dos envolvidos era de propagar o ideal republicano e conseguir mais adeptos ao movimento. Nesse sentido convém analisar o importante papel dos jornais nessa propaganda.

Tomando como recorte espacial o município de Laranjeiras, nele existiram três jornais que se destacaram na campanha contra a monarquia, nesse período, são eles: *O Horizonte*, *O Laranjeirense* e *O Republicano*. Eles não existiram simultaneamente, um foi criado em substituição do outro.

Em 1884, o jornal intitulado *O Horizonte* começou a circular, no qual um grupo de jovens entraram em ação na divulgação do ideário republicano. Dentre eles, estavam os já citados Felisbelo Freire, Josino Menezes e Balthazar Góes, empenhados pregadores da nova ordem política. (SOUZA, 1985, pág. 56)

De acordo com Freire, através de *O Horizonte*, os redatores almejavam incutir em seus leitores “as ideias da educação cívica e intelectual”. (FREIRE, 1894, p. 266). Porém, segundo a professora Therezinha Oliva de Souza, devido ao caráter abolicionista das publicações desse jornal, não teve existência duradoura. Precisou ter seu nome mudado e

receber uma roupagem nova. Foi por causa disso, então, que surgiu o periódico *O Laranjeirense*, que em 1888, deu lugar ao jornal *O Republicano*. (SOUZA, 1985, p. 56)

Ambos tiveram como colaboradores Felisbello Freire, Josino de Menezes e alguns membros da colônia sergipana da Escola Militar. A imprensa teve um papel muito importante na campanha, veremos isso mais detalhadamente no último capítulo deste estudo. Nesse período, foi criada também uma escola noturna, o *Liceu Laranjeirense*¹⁸, que também auxiliou na propagação das novas ideias. (FREIRE, 1894, p. 266)

Em 1888, mais precisamente no dia 13 de maio, um outro fator acirrou ainda mais os ânimos. A abolição da escravidão, feita sem indenização, deixou muitos fazendeiros revoltados e imbuídos de forte sentimento de vingança contra Monarquia.

De acordo com o historiador sergipano José Ibarê Costa Dantas, num levantamento oficial do ano de 1887, foi registrado que em Sergipe havia aproximadamente 990 engenhos. O número de escravos, mesmo decrescente após o fim do tráfico, ainda era muito expressivo nesse período, com cerca de 16.888 pessoas escravizadas. (DANTAS, 1989, p. 25)

Para ter uma noção do quanto isso significava para a economia sergipana, utilizaremos como base o seguinte quadro da população da Cotinguiba segundo cor e condição jurídica, de 1872:

Tabela 1 - Cor e condição jurídica na Cotinguiba, 1872.

| COR | LIVRES | % | ESCRAVOS | % | TOTAL | % |
|----------|--------|----------|----------|---------|--------|---------|
| Branços | 15.903 | 33,9 % | 0 | 0 % | 15.903 | 27,8 % |
| Caboclos | 673 | 1,4 % | 0 | 0 % | 673 | 1,2 % |
| Pardos | 23.495 | 50,1 % | 4.428 | 43,3 % | 27.923 | 48,9 % |
| Pretos | 6.808 | 14,5 % | 5.806 | 56,7 % | 12.614 | 22,1 % |
| Total | 46.879 | 1000,0 % | 10.234 | 100,0 % | 57.113 | 100,0 % |

Fonte: AMARAL, Sharyse Piroupo do. Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900). Salvador, Aracaju – SE: EDUFBA, Diário Oficial, 2012, p. 78.

A partir deste quadro, é plausível constatar que de uma população de 57.113 mil habitantes, 10.234 eram pessoas pardas ou pretas que estavam sendo escravizadas. O número de escravos equivalia, aproximadamente, a 18 % desse contingente populacional.

¹⁸ Veremos com mais detalhes no capítulo 3 deste estudo.

Diante disso, percebe-se o forte impacto econômico que a abolição gerou nas finanças dos fazendeiros.

Assim como em outras localidades do país, aqui em Sergipe, os intelectuais que conduziram o processo republicano buscaram o apoio dos proprietários rurais, em especial aos do setor açucareiro. Para comprovar isso, podemos citar a atitude de Felisbello Freire que, ciente da insatisfação dos grandes proprietários e de que seria totalmente inviável implementar as mudanças sem o apoio deles, astutamente, buscou a adesão dos senhores de engenho revoltados com a abolição feita sem indenizações e com o prejuízo econômico que isso gerou. A prova dessa união é que Freire convida Vicente L. de Oliveira Ribeiro, importante fazendeiro da região, para fazer parte do Partido Republicano. (GÓES, 1891, p.)

Devido a isso, o Clube Republicano Laranjeirense foi ganhando cada vez mais adeptos. No que diz respeito à Campanha Republicana à nível nacional, o clube sergipano era reconhecido pelos seus correligionários de outras províncias e mantinha contato com os líderes do Partido do Rio de Janeiro, chegou até a participar do Congresso Federal do partido.

Quando da votação para eleger os membros que iriam representar a região o supracitado Congresso Republicano Nacional, a Guarda Negra ameaçou atacar, em Sergipe. Esse primeiro movimento contrário se deu no ato de Francisco José Alves, através de matéria no jornal *Gazeta de Aracaju*, por meio do qual convocou os libertos para se alistarem na guarda principesca, a fim de impedir o avanço republicano e proteger a instituição monárquica. (GÓES, 1891, p. 84)

Esse movimento contrário aos republicanos, que inclusive ameaçou suas vidas, não obteve maiores proporções, pelo menos não em Sergipe. A reunião para eleger os membros do Congresso ocorreu tranquilamente, sem nenhum tipo de transtorno oferecido pelos integrantes da Guarda Negra.

Já citado neste estudo, o Dr. Felisbello Freire teve bastante importância para o movimento republicano em Sergipe. Porém, decide mudar-se¹⁹ para o Rio de Janeiro em plena propaganda republicana. Isso fez com que houvesse uma desarticulação do grupo

¹⁹ As causas de sua partida serão explicadas no próximo capítulo, sob a ótica do professor Balthazar Góes. Este era amigo e companheiro político de Freire e supõe os motivos de sua mudança para a capital imperial.

dos históricos e fez com que se perdesse o entusiasmo inicial. (GOÊS, 1891, p. 94). Segundo NUNES, teria sido a mudança de Freire para a capital do país um dos fatores para a desordem política que ocorreu em Sergipe logo após a proclamação. (2006, p. 264)

Dois meses após sua partida, ocorreu no Rio de Janeiro a Proclamação da República. A notícia se propagou pelas províncias, em cada uma os republicanos locais iam proclamando o novo governo e se organizando em juntas provisórias, até que fossem instituídos os novos governadores.

De acordo com Freire, em Sergipe foi o major Siqueira de Menezes, juntamente com os clubes de Laranjeiras e de Aracaju que proclamaram a República nessas terras. No dia 17 de novembro, se organizaram e tomaram o poder do então presidente da província, Dr. Thomaz Cruz. Quem tenta resistir é o Dr. Manoel Joaquim de Lemos, delegado do governo imperial e recém nomeado como novo presidente da província. (FREIRE, 1894, p. 392)

Segundo Freire, o Dr. Lemos estava em Salvador quando soube da notícia da tomada do poder em Sergipe. Consciente de que isso o prejudicava diretamente, dirigiu-se a Aracaju para tentar reverter a situação. Freire define sua atitude como “uma veleidade infantil e de uma a piração (sic) audaciosa que encontrou resistência no patriotismo daqueles que já estavam de posse do governo da província”. (FREIRE, 1894, p. 392)

Com isso, percebe-se que não houve resistência muito acentuada contra os revolucionários, sendo a tomada de poder, em Sergipe, bem passiva. No mesmo dia 17, foi instituído o governo provisório, chamado de triunvirato por compor três representantes na administração. O primeiro não teve sucesso devido à desistência de dois membros, fazendo-se necessário a implementação do segundo triunvirato, composto pelo militar José Siqueira de Menezes, pelo proprietário Vicente Ribeiro e pelo professor Balthazar Góes, já citado anteriormente. (DANTAS, 1989, p. 26)

Estes dois últimos não se entenderam, devido à mentalidade retrógrada do grande fazendeiro que, mesmo republicano convicto, queria continuar com as mesmas práticas do passado, incluindo o mandonismo e a vingança política. Por causa desses conflitos, Ribeiro acabou renunciando. Continuaram na liderança Siqueira de Menezes e Balthazar Góes até a posse do primeiro governador. (DANTAS, 1989, pág. 26)

No dia 13 de dezembro de 1889, assume a administração de Sergipe o Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire, bastante citado neste estudo devido sua importância para o Estado. Pois, além de sua empenhada atuação no movimento republicano, foi o primeiro governador, sempre respeitou seus companheiros de luta, e contribuiu muito para a História da região, sendo considerado o primeiro historiador dessas terras.

No que diz respeito ao jogo político, inicialmente, o grupo dos históricos tentaram controlar o aparelho do Estado, mas não tardou, e logo as antigas oligarquias se adaptaram ao novo regime para dele fazerem parte, reaparecendo rapidamente as facções em defesa dos interesses do grupo sócio econômico dominante. (NUNES, 2006, p. 264)

Então, diante de tudo que foi exposto é necessário recapitular que vários sergipanos se posicionaram contra a Monarquia devido ao fato do abandono, somado à insatisfação do exército após a Guerra do Paraguai, ao descontentamento de alguns setores da igreja e às ideias científicas, materialistas, positivistas, evolucionistas, dentre outras, que rejeitavam o regime imperial por considerá-lo ultrapassado e não mais condizente com as novas propostas políticas, econômicas e sociais, todos esses fatores contribuíram para o crescente clima de instabilidade política, o que colaborou para o fim do regime monárquico no Brasil.

Conforme o que ocorreu no restante do país, a campanha republicana em Sergipe também passou por três fases, tendo representantes de cada uma delas: primitiva, oportunista e a terceira que são os republicanos pós 15 de novembro de 1889, como alguns intelectuais sergipanos da época descreviam. (GÓES, 1891, p. 15)

Os políticos ou cidadãos comuns que se manifestaram anterior ao 13 de maio são chamados de republicanos primitivos ou históricos, como denominam Nunes e Carvalho, os que somente se colocaram contra o regime, posterior a essa data, são chamados de oportunistas, pois só intentaram derrubar a monarquia por causa do prejuízo financeiro ocasionado pela abolição da escravidão sem indenização. Já os políticos que se renderam ao republicanismo apenas depois da proclamação da república, são os chamados de republicanos do fato consumado. (GÓES, 1891, p. 15)

Como é plausível perceber, que muitos foram os esforços empreendidos no processo de propagação do projeto republicano, os políticos passaram a falar diretamente ao povo e este ganhou atenção de poetas e escritores que passaram a escrever sobre

assuntos relacionados à população. Mesmo com tanto empenho, a república foi feita sem a participação das massas, o que Viotti da Costa denomina de Golpe Militar. (COSTA, 1998, p.)

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO PENSAMENTO REPUBLICANO DO PROFESSOR BALTHAZAR GÓES

O presente capítulo se dedicará a analisar o pensamento republicano do professor Balthazar de Araújo Góes (1853-1914). Para tal, será tomado como base para essa abordagem o livro *A República em Sergipe (Apontamentos para a História 1870-1889)*, de sua autoria, e diversas referências feitas sobre ele por historiadores que se dedicam ao estudo da História de Sergipe do final do século XIX. Porém, antes de realizar essa análise, será mostrado um breve panorama sobre a situação em que a província de Sergipe se encontrava na época.

No que se refere à economia, Sergipe vivia um momento de instabilidade financeira. Como a década de 1870 foi marcada por um intenso fluxo de imigrações europeias, por causa do desenvolvimento econômico que o país estava passando. Isso contribuiu para que na década seguinte houvesse um certo descaso por parte do Império, que passou a ser associado ao atraso da nação.

Essa instabilidade financeira em Sergipe é constatada devido sua situação obsoleta na agricultura, a falta de estradas apropriadas para o escoamento das mercadorias produzidas na província, além de que sua economia estava sustentada no açúcar que, volta e meia, sofria oscilações de preços, chegando a sofrer desvalorização no mercado internacional, em alguns momentos. (NUNES, 1984, p. 142)

No ano de 1889, a província apresentava um déficit nas finanças, pois havia um desequilíbrio muito grande entre a receita e as despesas²⁰. Para piorar ainda mais a situação, a região é acometida por uma seca muito grave, que torna quase nula a safra daquele ano. A falta de capitais era outra questão que deixava os proprietários descontentes. (NUNES, 1984, p. 166)

Já no que se refere à sociedade, foi na segunda metade do século XIX, que vários intelectuais brasileiros tiveram acesso a correntes ideológicas que passariam a inspirar

²⁰ De acordo com Thetis Nunes, a Província já devia mil e tantos contos, com potencialidade para dever dois mil contos, em breve.

algumas camadas sociais²¹. Dentre essas correntes pode-se destacar o Evolucionismo²², o Ceticismo²³, o Positivismo²⁴, dentre outros. (NUNES, 1984, p. 139)

Essas correntes de pensamento também chegam à província de Sergipe. Nos discursos de vários pensadores da época, é possível perceber o crescente desejo pelo progresso e a busca pelo novo. Nesse campo ideológico, os ideais republicanos ganham força e cada vez mais adeptos em meio aos jovens intelectuais da época, que foram muito influenciados por Tobias Barreto, em especial os alunos da Faculdade de Direito no Recife, como já foi explicado neste estudo anteriormente.

As novas correntes marcam também o setor educacional, no qual há uma série de tentativas de reformas na educação. Na referida província, quem tentou implementar algo novo, nesse sentido, foi o presidente Herculano Inglês de Souza²⁵, que logo após tomar posse, em 1881, influenciado pelo idealismo e positivismo, ensaiou fazer uma reforma no ensino sergipano. (NUNES, 1984, p. 148)

Dentre essas mudanças, convém destacar três principais: um currículo amplo e seriado; Escola Normal mista e a não obrigatoriedade do ensino religioso (e sua ausência na Escola Normal). Essas duas últimas inovações perturbaram muito os conservadores que passaram a lutar ferrenhamente contra o presidente da província. (NUNES, 1984, p. 149)

De acordo com Thetis Nunes, a sociedade patriarcal sergipana se reafirmava através da segregação da mulher que, nesse período, era considerada como inferior e subordinada. Por isso, a criação de uma escola mista escandalizou tanto essa sociedade profundamente conservadora, em especial a elite social e econômica. (NUNES, 1984, p. 149)

²¹ Em especial a população letrada.

²² Teoria filosófica fundamentada na ideia de evolução, inspirado nos conceitos científicos de Charles Darwin, que é o conceito de que todas as espécies provêm umas das outras por meio da seleção natural. Ou seja, essa corrente se apropriou do transformismo biológico. (JAPIASSÚ; MARCONDES, p. 70, 1996).

²³ Segundo essa concepção, é impossível o conhecimento do real. Por isso, o ser humano deveria renunciar à certeza e, em seu lugar, adotar a dúvida. (JAPIASSÚ; MARCONDES, p. 36, 1996).

²⁴ Corrente filosófica fundada por Augusto Comte, que atribui à constituição e progresso da ciência positiva importante para o progresso do conhecimento.

²⁵ Inglês de Sousa (1853-1918) nasceu no Pará e foi integrante do Partido Liberal. Estudou cerca de três anos na Faculdade de Direito de Recife, porém devido a questões familiares precisou mudar-se para São Paulo onde concluiu os estudos. Além da carreira política foi bacharel, jornalista e escritor.

Quanto a retirada da obrigatoriedade do ensino religioso, percebe-se que Inglês de Souza era detentor de um pensamento cético e estava tentando colocar em prática o negativismo religioso. Essa tentativa de mudança fez ressoar uma onda de indignação por parte do Partido Conservador, em especial pelo Padre Olímpio de Souza Campos.

O presidente da província pretendia, através dessa reforma educacional, proporcionar uma mentalidade progressista na sociedade e, dessa forma, conseguir mudar as condições sociais e econômicas em que Sergipe se encontrava. Sua estadia nessa localidade durou pouco, cerca de um ano de existência e, assim que foi embora, em 1882, as oligarquias locais se empenharam em deixar tudo como era antes.

É nesse cenário que em 1882, foi fundada na cidade de Laranjeiras, pelo Clube Republicano instalado nessa localidade, a escola *O Liceu Laranjeirense* que objetivava instruir a população, principalmente com assuntos relacionados às novas ideias que vigoravam no cenário mundial, em especial os ideais republicanos. Foram eleitos pelos integrantes do clube, Balthazar Góes e Antônio Porto como diretores do Liceu²⁶.

No início, a escola tinha 24 alunos, tendo dentre eles uma jovem. Já em 1885, contava com 173 alunos matriculados. O mais interessante é como Thetis Nunes o descreve: “(o) Liceu Sergipense do prof. Baltazar Góis”. Muito provavelmente faz esse comentário, devido a esse professor ter sido um dos fundadores da instituição e um de seus primeiros diretores. Outro motivo pode ter sido, por causa, de sua dedicação para com o ensino e sua importância para essa unidade escolar. (NUNES, 1984, p. 165)

De acordo com a autora, o lema da escola era uma famosa frase de Victor Hugo²⁷: “Modelar uma estátua é dar-lhe vida, é belo; modelar uma inteligência é dar-lhe a verdade, é mais belo ainda”. O que demonstra o interesse que o professor republicano e seus correligionários tinham em educar aquela população de ignorantes, moldando-os às novas concepções, ensinando o que acreditavam ser a verdade. (NUNES, 1984, p. 165)

Essa reflexão é importante para entender o objeto deste estudo, o professor Balthazar Góes e seu pensamento republicano. Porém, para compreendermos melhor seu

²⁶ GÓES, Balthazar de Araújo. *A República em Sergipe – Apontamentos para a história – 1870-1889*. Laranjeiras, 1891. Reedição organizada pela Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju – SE, 2005, p. 85.

²⁷ Importante francês do século XIX, que se dedicou a várias áreas do conhecimento, como dramaturgia, poesia, política, etc.

ideal e sua atuação no cenário político de Sergipe é preciso conhecermos suas origens, sua formação e quais eram suas motivações. Para tal, foi selecionado o Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná²⁸, o qual dedica quase duas laudas para descrever a vida do destacado professor.

Segundo Armindo Guaraná, Góes nasceu em uma fazenda, no município de Itaporanga, no dia 30 de outubro de 1853. Era filho do capitão Francisco José de Góes e de D. Maria Rosa de Araújo Melo. Estudou o curso de humanidades no Ateneu Sergipense, iniciou sua carreira como funcionário público exercendo o lugar de Correio da Alfândega. Foi professor substituto na capital e lecionou gratuitamente durante dois anos (1871 e 1872) no curso noturno de adultos. Após concurso, em 1877 começou a trabalhar na Tesouraria Provincial. (GUARANÁ, 1925, p. 84)

Muito envolvido com a campanha republicana, foi um dos fundadores do Clube Democrata e, posteriormente, do Clube Republicano Federal Laranjeirense. Foi um militante republicano, muito envolvido com a propaganda do novo regime. Prestou colaboração aos jornais *O Presente* 1877-1878, e *Correio de Sergipe*, 1890, editados no Aracaju e nos seguintes de Laranjeiras: *O Horizonte*, 1885-1886, *O Laranjeirense*, 1887-1888, e *O Republicano*, 1889. (GUARANÁ, 1925, p. 85)

Além de ter ensinado no *Liceu Laranjeirense*, foi diretor do Atheneu Sergipense. Foi, também, um dos membros da junta provisória que governou o estado de Sergipe depois da Proclamação da República, até a chegada do primeiro governador republicano, o dr. Felisbelo Firme de Oliveira Freire.

No final de sua vida, Góes preferiu dedicar-se apenas ao magistério, retirando-se assim do cenário político. Mais adiante, tentarei explicar os possíveis motivos que o fizeram agir dessa maneira. Faleceu no Aracaju a 13 de janeiro de 1914.

Diante dessa breve biografia do autor, comentarei sobre alguns dados de sua trajetória que mais chamaram minha atenção. E, em seguida, será realizada uma análise de seu livro já mencionado neste capítulo.

Em relação aos dados mais expressivos, destaco o fato dele ter lecionado gratuitamente durante dois anos. Isso demonstra o quanto o professor era abnegado, pois

²⁸ Manoel Armindo Carneiro Guaraná, nasceu em São Cristóvão e foi historiador, redator, etc.

mesmo não pertencendo à uma família de muitas posses, dedicou parte de seu tempo e seus esforços à uma causa que não lhe traria frutos financeiros. Possivelmente, fez isso por causa de sua crença na educação, sendo ela um instrumento que modela o cidadão e o prepara para algo novo.

Outra questão que carece de uma atenção especial, é sua formação realizada na própria província, no *Atheneu Sergipense*. Como já foi mencionado aqui, Góes não provinha de uma camada abastada economicamente. Sendo assim, não teve condições de estudar em outras províncias, como outros jovens de sua época.

Como Thetis Nunes aponta, Balthazar Góes fazia parte de um grupo de intelectuais que não tinha condições financeiras favoráveis para cursar Direito na Faculdade do Recife ou estudar medicina na Bahia. (NUNES, 2006, p. 260)

Isso não impossibilitou seu contato com as novas correntes ideológicas que, além de aprendê-las, tornou-se um de seus principais propagadores. Muito participou da propaganda em prol da República, através de conferências, reuniões particulares, instrução da população leiga e diversas matérias publicadas em jornais.

A obra, supracitada, *A República em Sergipe (Apontamentos para a História 1870-1889)*, publicada em 1891, que será utilizada como base deste trabalho, é dividida em três partes. A primeira parte fala sobre A República na América e tem três capítulos. A segunda tem como título *Propaganda* e é organizada em seis capítulos. Já a terceira, tem como título *Governo Provisório*, tendo também seis capítulos. No final da obra, o autor organizou um apêndice com 93 páginas, contendo vários documentos da época, como cartas, duplicatas, atas de reuniões e até mesmo o Manifesto Republicano de Laranjeiras, assinado no dia 18 de outubro de 1888.

Logo na introdução do livro, o autor revela a razão de escrevê-lo. Segundo ele, foi o patriotismo que o motivou a registrar os acontecimentos que marcaram a transição da Monarquia para a República. Como o próprio autor aponta, nessa obra ele apenas pretende dar seu depoimento a respeito dos fatos, uma vez que, participou ativamente do movimento e tinha, além da memória, acesso a diversos documentos muito importantes para comprovar os fatos e auxiliar a entender todo esse processo. (GÓES, 1891, p. 13)

Nesse período, o patriotismo²⁹ era um sentimento muito presente na vida de vários intelectuais. Havia um desejo muito grande de construir uma identidade nacional, de entender a sociedade brasileira e de valorizar o que é próprio da nação, tudo isso sem excluir totalmente as tendências estrangeiras, pois elas serviam como referencial. (ROWLAND, 2005, p. 365)

Outra causa que o motivou a escrevê-lo foi o interesse de escrever para a História e fez isso, segundo ele, com inteireza e veracidade. O autor pensou na necessidade que teria quem quisesse escrever sobre a História da República em Sergipe. Então, quis deixar sua versão dos fatos de maneira, ao seu ver, mais fidedigna possível. (GÓES, 1891, p. 13-14)

Balthazar Góes inicia relatando como começaram os primeiros movimentos em prol da República no Brasil e, depois em Sergipe. À princípio, Góes explica que a campanha republicana teve três fases notáveis: primitiva, oportunista e a terceira que ele alcunha de “consumatista”.

Os políticos ou cidadãos comuns que se manifestaram anterior ao 13 de maio são chamados de republicanos primitivos (ou históricos como denomina Nunes e Carvalho), os que somente se colocaram contra o regime; posterior a essa data, são chamados de oportunistas, pois só intentaram derrubar a monarquia por causa do prejuízo financeiro ocasionado pela abolição da escravidão. Já os consumatistas são os políticos que se renderam ao republicanismo apenas depois da proclamação da república, por isso consumatistas: republicanos do fato consumado³⁰.

No início da década de 1880, em Sergipe, ainda existia um número bem reduzido de republicanos. De acordo com o autor, a província estava em estado de abandono pelas autoridades. Ele critica, não só a monarquia, mas igualmente os deputados e o povo sergipano que os elegia sem consciência alguma³¹.

²⁹ No século XIX, o patriotismo, na concepção republicana, estava associado à ideia de democracia e à liberdade.

³⁰ GÓES, Balthazar de Araújo. A República em Sergipe – Apontamentos para a história – 1870-1889. Laranjeiras, 1891. Reedição organizada pela Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju – SE, 2005, p. 15.

³¹ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 24.

Diante disso, comecei a questionar essa situação: como, então, durante a República, os sergipanos conseguiriam eleger conscientemente seus representantes? A solução para essa condição era a educação. É exatamente isso que Góes afirma, para ele somente a instrução prepararia a população iletrada para viver num país republicano.

No final da década de 1880, em 18 de outubro de 1888, foi inaugurado na cidade Laranjeiras o Partido Republicano de Sergipe. Foi nesse momento que se intensificou a campanha republicana nessas terras. Conforme o que Góes aponta, Felisbello Freire é incentivado por Sílvia Romero a trabalhar mais ativamente por esse sistema.

A propaganda foi realizada mais ativamente, através do jornal *O Laranjeirense*. Sílvia Romero também aconselhou Freire a buscar o apoio dos fazendeiros insatisfeitos com a abolição sem indenização, e foi exatamente isso que ele fez. Conquistou a adesão de vários proprietários da região, dentre eles Vicente Luiz de Oliveira Ribeiro.

É nesse contexto que é fundado o Clube Republicano Laranjeirense e eleita a diretoria do clube: Vicente Ribeiro tomou posse como presidente e, Felisbello Freire como vice-presidente. De acordo com Góes, Freire havia pedido aos seus companheiros, em particular, para que votassem no coronel para dar-lhe uma prova de confiança³².

O professor republicano acusava a monarquia de tentar impedir essa efervescência política, através da concessão de títulos e medalhas de mérito e, o mais importante, por meio da abolição. Para ele, era uma tentativa de ganhar apoio popular para o sistema vigente. Realmente, a abolição proporcionou ao Império a gratidão dos libertos que organizaram a Guarda Negra³³. Esta era considerada por Góes, uma instituição monárquica, uma verdadeira hoste do império em falência³⁴.

Em Sergipe, a Guarda Negra ameaçou acabar com o sonho republicano. Como foi relatado no capítulo anterior, quando souberam da reunião que iria eleger os

³² GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 70.

³³ Muitas pessoas escravizadas que receberam a liberdade em 13 de maio de 1889, em sinal de gratidão à princesa D. Isabel, se reúnem para proteger a monarquia. Cogito que não somente por gratidão, mas também, por medo de que houvesse um retrocesso e eles retornassem a vida de escravos.

³⁴ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 82.

representantes da província que participariam do congresso republicano nacional, essa instituição advertiu que iria atacar³⁵.

Góes demonstra profunda indignação a essa atitude, chamando-a de “ridícula patarata”. Revela, ainda, que em resposta a essa ação, seu grupo realiza dois protestos contra a guarda negra: a indiferença e a instrução. O desprezo era a melhor forma de tratá-los, sendo sua maior resposta tentar dar-lhes a educação de que necessitavam³⁶.

O professor explica que seu correligionário Antônio Manuel da Paixão teve a ideia de criar uma escola noturna para instruir os libertos. Pois, enquanto a monarquia os convertia em selvagens, dando-lhes a foice para matar. A República precisava oferecer a eles o livro que os transformaria em bons cidadãos. Foi nessa ocasião que fundaram o *Liceu Laranjeirense*, já citado nesse estudo³⁷.

O projeto republicano vai seguindo seu curso. Contudo, a campanha sergipana perde, ao ver de Balthazar, seu principal propagandista, Felisbelo Freire, e entra em um estado praticamente de inércia. Isso ocorreu devido à mudança de Freire para o Rio de Janeiro motivado, provavelmente, pelo anseio de aproximar-se da localidade onde o movimento estava mais acirrado, sendo o palco dos principais acontecimentos. Quando ocorre a Proclamação da República³⁸, é eleito em Sergipe um triunvirato, mas dois integrantes desistem.

Quem acaba assumindo esse posto é o coronel Vicente Ribeiro e o professor Balthazar Góes. Este explica detalhadamente como tudo aconteceu. No dia 18 de novembro de 1889, o alferes Athayde³⁹ convida esses dois diante do salão do palácio repleto de gente. O povo os aceitou, permitindo que se unissem a José de Siqueira de Menezes na junta provisória⁴⁰.

No dia 23 de novembro do corrente ano, a relação entre Balthazar e Vicente entre em colapso, chegando este a proferir insultos ao seu correligionário. O coronel, ao que

³⁵ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 84.

³⁶ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 84.

³⁷ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 85.

³⁸ Vide capítulo I deste estudo.

³⁹ Comandante das forças armadas.

⁴⁰ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 114.

tudo indica, não havia compreendido o real significado da República. Com os ânimos exaltados, chama seus companheiros de triunvirato de “moleques” e recusa a permanecer no governo com eles⁴¹.

O professor, profundamente abalado com o ocorrido, decide abdicar de seu posto por meio de um manifesto. Contudo, Siqueira não permite que o manifesto seja divulgado, após entrar em contato com Felisbello que reprova os atos de Vicente Ribeiro. Permanece, então, o duunvirato⁴² até a chegada do primeiro governador republicano Felisbello Freire⁴³.

Após termos relatado sua trajetória política e toda sua colaboração no processo republicano, nos deteremos numa análise mais detalhada do pensamento do professor Balthazar Góes. Nas linhas escritas por ele, deixou transluzir alguns indícios que revelam as correntes influenciadoras de sua forma de pensar, possibilitando assim, uma interpretação de sua visão republicana.

No momento em que se refere às colônias americanas em geral, na introdução, deixa transparecer em seu discurso, algumas ideias pertencentes às correntes ideológicas que estavam em alta nesse momento.

As frases que serão citadas nas próximas linhas foram escritas pelo jovem republicano, nelas é possível constatar que ele absorveu bem as filosofias mencionadas anteriormente. O autor revela muitos aspectos de sua maneira de pensar a sociedade. A seguir analisaremos cada enunciado separadamente: “Em resumo: as colônias americanas começam em um estado de civilização já adiantada; sua política não é trazida pela evolução, que gasta séculos para transformar; mas por uma revolução instantânea [...]”⁴⁴.

Nessa primeira citação é possível observar as concepções de civilização, em que era considerado culto, civilizado, tudo que se alinhava ao modelo europeu. O nativo era considerado bárbaro e sua maneira de viver deveria ser moldada, baseando-se nos conceitos civilizatórios do velho mundo.

⁴¹ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 133.

⁴² Referente ao governo em que as funções supremas são exercidas por duas pessoas.

⁴³ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 134.

⁴⁴ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 22.

Quando os colonizadores europeus vieram para a América, trouxeram uma estrutura política, social e econômica já pronta para ser implementada no novo mundo. Nesse momento, o autor faz menção à evolução, não no sentido biológico, mas sim no social. Na segunda metade do século XIX, muitos estudiosos do meio social se apropriaram dos conceitos de Charles Darwin sobre evolução biológica e seleção natural, para definir a sociedade e traçar um plano de constante evolução que resultaria num estado perfeito das coisas.

Em outra citação, o próprio Góes enfatiza essa questão. Quando o autor se referia à abolição da escravidão, declarou que o 13 de maio foi uma conquista da evolução social. Em outra passagem, ele alegou que a liberdade dos escravizados foi resultado do movimento evolutivo. Isso nos permite constatar o quanto o autor era homem de seu tempo⁴⁵.

No trecho, a seguir, é possível observar outras características: “A melhora da raça, pelo cruzamento; as luzes da instrução; a ausência da realeza, a igualdade dos colonos perante as suas leis [...]”⁴⁶.

Nesse trecho, por sua vez, ele mencionou sobre a “melhora da raça, pelo cruzamento”, é notório que ele ainda está sob o prisma da evolução, mas agora no sentido biológico. Esse tema era bastante comum na medicina da época, a qual centrava suas principais reflexões sobre a raça. (ALVES, 1996, p. 91)

Percebemos que, mesmo sem ter cursado medicina, Góes teve contato com essa corrente, uma vez que ela se propagou bastante entre os estudiosos que viveram nesse período, que a utilizavam para entender o mundo e a sociedade em que estavam inseridos.

É provável que Balthazar Góes muito tenha aprendido (e compartilhado conhecimentos) com Felisbello Freire, seu conterrâneo, companheiro na campanha republicana e amigo próximo. No período em questão, era defendido o conceito das “três raças” na formação do povo brasileiro e, nos trabalhos tanto de Góes, quanto de Freire, são apresentados esses aspectos.

⁴⁵ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 82.

⁴⁶ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 22.

Havia a ideia de que através da miscigenação ocorreria o branqueamento da população brasileira. Alguns contemporâneos de Góes, a exemplo de Varnhagen⁴⁷, entendiam o processo de miscigenar como a correção histórica do erro ocasionado pela escravidão de povos africanos, trazidos para o Brasil para a exploração do trabalho braçal. (ODÁLIA, 1997, p. 94)

Da mistura dos relacionamentos entre os três povos, se destacaria o colonizador europeu, sendo esse o grupo vencedor e a civilização superior. Então, suas características físicas, culturais, lei, ordem, autoridade, religião, etc., iriam predominar no futuro “homem branco brasileiro”. (ODÁLIA, 1997, p. 94)

O autor menciona, também, “as luzes da instrução”. Provavelmente, ele foi influenciado pelo ideal iluminista, filosofia que pregava que o saber tiraria as pessoas da ignorância (trevas). Nesse sentido, a educação serviria como principal ferramenta para retirar todos da “escuridão”.

Outro discurso do autor que comprova esse posicionamento, está na página 24, capítulo 2 do referido livro, em que ele cita que “não pode pensar bem o espírito afogado na ignorância, como não podem ver os olhos imersos nas trevas”. Mais uma vez, está associando o conhecimento à verdade que liberta, que traz a luz⁴⁸.

Após, ele cita a “igualdade dos colonos perante as suas leis”. Aqui observa-se, também, os ideais de igualdade (um dos lemas da bandeira da Revolução Francesa), pois todos são iguais perante a lei, sendo julgados e tratados sem distinção e sem qualquer tipo de favoritismo. O autor tinha muita aversão aos privilégios e ao atendimento diferenciado recebidos pela realeza, por exemplo.

Outro conceito muito recorrente em seu discurso, é o termo “progresso”. Como já foi mencionado no capítulo I deste estudo, houve um florescimento dessa corrente que contagiou a sociedade letrada de então. No capítulo 3, intitulado de *Rebeldes*, Góes tece comentários sobre Felisbelo Freire e sua colaboração na campanha democrática, e chega

⁴⁷ Francisco Adolfo de Varnhagen visconde (1816-1878), historiador, militar e diplomata.

⁴⁸ Fonte: GÓES, Balthazar de Araújo. A República em Sergipe – Apontamentos para a história – 1870-1889. Laranjeiras, 1891. Reedição organizada pela Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju – SE, 2005, p. 24.

a mencionar que a cidade de Laranjeiras estava fazendo uso das melhores medidas de progresso⁴⁹.

O advento da modernidade foi acompanhado pela busca da verdade através da ciência. Essa verdade passou a ser questionada, relativizada e reinventada. Com isso, a noção de progresso ficou associada à ideia de evolução e de civilização, sendo estreitamente vinculada ao âmbito político e social, chegando até a ir além desses sentidos, englobando também a questão moral, comportamental e cultural. (AZEVEDO, 2016, p. 71)

Góes realmente acreditava que a pátria, tão amada, necessitava desse progresso. A monarquia era constantemente associada à situação retrógrada em que se encontrava o Brasil. Sergipe, para o autor e seus correligionários, estava praticamente abandonado pelo imperador e isso causava bastante indignação. Por isso, a mudança era tão necessária, a nação precisava do progresso.

O professor republicano constantemente se refere aos seus companheiros militantes de forma honrosa e repleta de admiração. Realmente, não economiza nos elogios, fazendo questão de enfatizar suas qualidades. Podemos constatar isso ao decorrer de toda sua obra, a qual foi tomada por base para este estudo. Dentre eles, destaco sua admiração por Felisbelo Freire, Josino Menezes e Silva Jardim.

Sobre o primeiro, ao descrevê-lo, Góes fala que pretende que seu coração não o influencie nessa tarefa. Isso, devido sua aproximação e admiração por Freire. Denomina-o de detentor de um espírito de “boa raça”, propagandista, revolucionário, abolicionista, doutrinador e, dentre outras coisas, um ser que venceu todos os obstáculos, conquistou até seus adversários e animou os tímidos⁵⁰.

Em relação ao segundo, Góes o identifica como seu amigo pessoal, “obreiro da liberdade pátria”, abolicionista, “rico de sentimentos altruísticos”, dentre outros adjetivos que o define⁵¹.

⁴⁹ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 47.

⁵⁰ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 48.

⁵¹ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 40.

Referente ao terceiro, podemos perceber no capítulo 1, que Góes o qualifica como empenhado propagandista da República, no âmbito nacional. Além disso, o chama de “excedido patriota” e de “príncipe das multidões”⁵².

Essas passagens provam o quanto Balthazar Góes reconhecia a importância de seus correligionários, lutando juntos por uma pátria melhor. Indica, também, um forte sentimento de humildade, despretenso de vaidades e de holofotes, querendo apenas ajudar a construir a sociedade que considerava ideal, mais justa, igualitária e que traria benefícios para o povo e, não somente, para um grupo reduzido de privilegiados.

Por outro lado, é possível constatar no discurso do professor, uma certa ironia. Ao criticar a Monarquia, ele sugere de forma sarcástica que a princesa D. Isabel era uma mulher traída e adúltera. Faz esse comentário no momento em que critica D. Gastão, chamando-o de “desazado propagandista”, “antipático” e “empenhado de engastar a cabeça de sua esposa, ou a sua própria”. Insinua, ainda, casos de embriagues ocorridos no seio da família real⁵³.

Quanto ao que dizem sobre a figura de Balthazar Góes, os historiadores que se debruçam sobre o período, não encontrei nenhuma obra completa sobre o referido professor, mas como é praticamente inconcebível falar sobre a República em Sergipe e não mencioná-lo, após perscrutar as obras que tratam sobre esse tema, consegui encontrar algumas informações sobre Góes.

Além de Armindo Guaraná e Maria Thetis Nunes, a historiadora sergipana Therezinha Oliva também tece comentários sobre Góes ao escrever seu livro *Os Impasses do Federalismo Brasileiro*. Farei uso, também, de uma biografia feita por Eutíquio Linz, amigo de infância de Balthazar, ao qual este cede àquele, um espaço em seu livro para falar sobre ele.

Essa biografia está no capítulo 3, da primeira parte da obra *A República em Sergipe*, na qual está descrita a trajetória daqueles que se posicionaram contra o regime político vigente até então, Góes prefere que seu amigo escreva sobre ele, ao invés dele escrever sobre si próprio. Isso pode revelar um pouco de seu caráter, cheio de humildade

⁵² GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 66.

⁵³ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 65.

e timidez. Nas notas de páginas do referido capítulo, o professor se exime de qualquer envolvimento com as asserções feitas, sendo elas de total responsabilidade de seu biógrafo⁵⁴.

Linz descreve o amigo que tão bem conhecia, como um homem de caráter indomável, mas ao mesmo tempo com “uma sensibilidade delicadíssima”. Sendo expressados energia e mansidão pela mesma pessoa⁵⁵.

Agora será analisado, o que mais adiante afirma o biógrafo: “Hipersensibilidade de seu temperamento, intransigente, intolerante mesmo pela energia de seu caráter”. (GÓES, 1891, p. 52)

É possível perceber nessa passagem, o quanto o diretor do *Liceu Laranjeirense*, era fiel aos seus ideais. É algo que desperta bastante curiosidade, como pode um homem que era considerado tímido, ter tamanha coragem? Definitivamente, entende-se que Góes tinha uma postura introvertida, mas isso em nada influenciava na sua defesa pelos ideais em que acreditava.

Como podemos constatar, através dessa citação de Linz, o professor tinha uma personalidade muito forte, chegando a ser considerado intransigente e intolerante, mas de maneira alguma abdicava de seu caráter. Góes queria a República, não somente, porque esta era associada ao progresso, estando nela a esperança para o desenvolvimento da nação, como pensavam outros contemporâneos.

Mas era ele, acima de tudo um ante monarquista convicto, pois detestava os privilégios obtidos pela realeza. Enquanto os nobres aproveitavam as regalias, a população jazia abandonada, sem recursos, sem valor e nem perspectiva de qualquer auxílio advindo do monarca. Góes não tolerava essas injustiças, de forma alguma.

Linz, que o bem conhecia, revela que o inflamado republicano tinha ódio da “mistificação dos partidos conservador e liberal” e da “inviolabilidade e hereditariedade

⁵⁴ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 60.

⁵⁵ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 51.

do governo supremo da nação”. Isso porque considerava que, além do Partido Republicano, existia apenas um partido no Brasil: o monarquista⁵⁶.

Devido ao caráter excludente e conservador que os dois partidos monarquistas tinham, os políticos dessas duas facções, em geral, advinham da mesma camada social e representavam os interesses do grupo mais abastado financeiramente. Além disso, realizavam as mesmas práticas no manejo da coisa pública e das relações de poder.

Já Armindo Guaraná, observa Balthazar Góes não muito diferente do que qualifica Eutíquio Linz. De acordo com ele, esse nobre ser tinha o perfil de um verdadeiro homem público, com um “espírito solidamente preparado nos profundos estudos”. E, devido a isso, havia conquistado um espaço entre os mais distintos de seus companheiros de magistério e participado do cenário político sergipano. Sobre a personalidade e o posicionamento político de Góes, Guaraná afirma:

“De convicções políticas inabaláveis, preferia sacrificar as mais caras afeições a trair os princípios, não hesitando em dissentir francamente da opinião dos melhores amigos, quando se convencia de que as deliberações do seu partido não se encaminhavam para a realização dos ideais republicanos”. (GUARANÁ, 1925, p. 85)

Muito honesto aos seus princípios, com uma visão política muito sonhadora, não cedia aos interesses das oligarquias. Elas representavam o que havia de mais arcaico no cenário político sergipano, sendo considerada um verdadeiro mal ao avanço social, cultural, educacional e financeiro da região.

Góes não se envolveu com a política para obter prestígio, poder e um padrão de vida próprio da elite. Ele lutou contra a monarquia para ver algo novo acontecer, empreendeu seus esforços para auxiliar nesse processo de mudanças, pois elas precisavam acontecer ativas, eficazes e verdadeiramente.

A professora Terezinha Oliva de Souza também nos fornece informações a respeito do professor Góes. De acordo com a historiadora sergipana, quando ocorreu a formação do segundo triunvirato, logo após a Proclamação da República, ele e mais dois compuseram a liderança republicana em Sergipe.

⁵⁶ GÓES, Balthazar de Araújo. Op. Cit., p. 52.

Ela define Góes como um professor que possuía uma visão da república de forma mais idealizada que os demais. Devido suas concepções fervorosas, entrou em atrito com um de seus companheiros no triunvirato: Vicente Ribeiro. Essa desavença ocorreu por causa das práticas de mandonismo que Ribeiro queria manter as práticas políticas da Monarquia para a República. Provavelmente, decorrente de sua mentalidade retrógrada, o coronel não queria se desvencilhar das antigas práticas de relações políticas. (SOUZA, 1985, pág. 60)

Ribeiro, mal havia chegado ao poder e já queria colocar em prática seus planos de vingança política. A desavença resultou em sua renúncia, tornando assim duunvirato. Por isso, Oliva de Souza define Góes como: “tímido, sonhador, cheio de boas intenções e sem o tato e a malícia dos políticos”. (SOUZA, 1985, pág. 60)

Ele não sabia manipular, não conseguia ter um manejo próprio dos políticos e entrava em conflito com quem fosse, mas não abria mão de seus ideais. Imbuído de bons sentimentos e de intenções mais honestas possíveis, ele realmente acreditava que a República deveria representar algo novo e melhor.

Maria Thetis Nunes, por sua vez, define Góes como: “Professor renomado, historiador, diretor do conceituado Liceu Laranjeirense, devendo ser considerado o precursor das ideias republicanas em Sergipe”. (NUNES, 2006, pág. 260)

Descreve-o como historiador, muito provavelmente, por causa de sua obra aqui estudada (*A República em Sergipe*), pois colaborou bastante com a história deste estado, revelando muitos acontecimentos do período. O considera como precursor das ideias republicanas, pois desde 1880 já escrevia a favor da República, foi um dos primeiros em Sergipe a se declarar contra a Monarquia. (NUNES, 2006, pág. 260)

A autora revela que Góes desenvolveu ação mais acentuada contra o regime imperial. É plausível essa assertiva, devido sua dedicação aos principais jornais de orientação republicana que havia em Laranjeiras, ele trabalhou ativamente na propaganda do novo sistema de governo, querendo orientar a população e ganhar mais adeptos ao movimento.

Em outra ocasião, Thetis Nunes afirma que se uniram ao movimento republicano muitos intelectuais pobres e, nesse grupo a autora inclui o professor Góes, uma vez que, o jovem republicano não tinha condições financeiras abastadas. Segundo ela, esses

intelectuais se uniram contra a Monarquia porque estavam inconformados em não poderem estudar nas Academias do Império.

Possivelmente essa pode ter sido uma das causas da indignação de Balthazar Góes, nada mais justo, visto que reivindicava algo tão nobre como a oportunidade de buscar o saber. Porém, não foi essa a única causa. Reiteramos que esse republicano era imbuído das mais fidedignas concepções republicanas.

Isso é tão verdade que, decepcionado com os rumos que o novo regime tomou, preferiu sair do cenário político. Ele não era homem de meias verdades, mas um declarado intolerante do mandonismo e da politicagem e lutava arduamente pela mudança.

CAPÍTULO 4

A IMPRENSA REPUBLICANA EM SERGIPE

Depois de ter analisado o contexto em que a República nasceu no Brasil e a situação que a província de Sergipe se encontrava no período, a participação e o pensamento republicano do professor Balthazar Góes, chegou o momento de averiguar a importância da imprensa na propagação das mudanças políticas que alguns grupos sociais almejavam implementar.

O jornal, principal meio de informação e comunicação da época, foi amplamente utilizado para divulgar as novas ideias políticas. Balthazar Góes, principal objeto deste estudo e empenhado propagador das ideias republicanas, muito utilizou esse recurso, além de elogiar seus companheiros que tinham igual iniciativa.

Neste capítulo, será observado como a imprensa foi utilizada pelos republicanos para divulgarem o novo regime. À princípio, estudaremos a importância da imprensa como veículo de formação e informação, e de que maneira ela foi organizada em Sergipe para ser a principal propagadora da República.

Porém, a pesquisa não se resumirá à uma revisão bibliográfica - não é esse o principal objetivo - mas sim uma análise de recortes de jornais da imprensa republicana localizada no município de Laranjeiras, que como visto nos outros capítulos, foi um importante polo econômico e cultural de Sergipe e moradia do professor Balthazar Góes.

Os periódicos escolhidos foram *O Horizonte*, *O Laranjeirense* e *O Republicano*, os dois primeiros coletados na hemeroteca da Biblioteca Pública Epifânio Dórea (Aracaju/SE) e, o terceiro, no acervo de jornais digitalizados da Universidade Federal de Sergipe.

Do jornal *O Horizonte* foram selecionados 09 recortes de circulação no ano de 1885, que são os números 3, 4, 6, 12, 13, 18, 19, 20 e 23 das respectivas datas, 16 de junho, 23 de junho, 08 de julho, 26 de agosto, 04 de setembro, 11 de outubro, 18 de outubro, 08 de novembro, 15 de novembro de 1885.

Já de *O Laranjeirense* foram escolhidos 4 recortes, todos do ano de 1888 que são de 01 de janeiro (nº 51), 12 de fevereiro (nº 56), 23 de setembro (nº 87) e 28 de outubro

(nº 92). Do jornal *O Republicano* foram selecionados um item, o número 53 do dia 16 de janeiro de 1890, quando este já era um órgão oficial do governo republicano do estado de Sergipe.

O jornal *O Horizonte* além de difundir ideias republicanas, era declaradamente abolicionista. Pertencia a Joaquim Anastácio de Menezes. Por ter caráter abolicionista, muitos assinantes da época que não compartilhavam da mesma ideia, devolveram os exemplares. Devido a isso, não permaneceu em circulação por muito tempo, e acabou sendo substituído pelo jornal *O Laranjeirense* propagador dos mesmos ideais, mas com uma linguagem diferente. (SOUZA, 1985, p. 55)

O Laranjeirense e *O Republicano* foram fundados por Josino Menezes, farmacêutico, filho de Joaquim Anastácio de Menezes e forte defensor da abolição da escravidão e da implementação da República. Amigo e correligionário do professor Balthazar Góes, sendo que este o citou várias vezes em seu livro *A República em Sergipe*, como um declarado rebelde opositor ao sistema monárquico.

Com o fim de *O Laranjeirense*, foi criado o jornal *O Republicano*, com circulação a partir de novembro de 1888. Tinha como diretor Felisbelo Firmo de Oliveira Freire e redatores Josino Menezes e Balthazar Góes. Muitos outros intelectuais e jovens militares se envolveram na propagando republicana, divulgando gratuitamente seus artigos nesse periódico. Todos em prol da mudança dos novos tempos, todos em prol da República.

Algo que dificultou muito a pesquisa foi o péssimo estado de conservação dos jornais, principalmente *O Laranjeirense*. Devido a isso, foi possível trabalhar com apenas 4 edições e, mesmo assim, com muita dificuldade. O que é lamentável, pois este englobou os momentos mais acirrados da campanha republicana em Sergipe. Foi muito doloroso analisar tantos jornais, perceber sérias críticas ao regime monárquico, mas não poder entender com exatidão o que o redator estava relatando no recorte.

Contudo, através das 4 edições selecionadas foi possível constatar o cerne das questões republicanas e alguns detalhes importantes da campanha. Já, por meio de *O Horizonte* foi possível observar o início do movimento republicano na então província, e alguns motivos da insatisfação com a Monarquia relatados em suas páginas. Circulou em Sergipe quando ainda nem existia o Clube Republicano Laranjeirense e nem havia sido redigido o Manifesto Republicano de Sergipe.

Quanto ao jornal *O Republicano*, é relevante para esta pesquisa utilizar os noticiários após a proclamação, porque através deles é possível conhecer o desfecho do movimento em favor da República e constatar a situação em que o estado ficou depois do 15 de novembro⁵⁷.

Agora, que já foram relatadas quais fontes históricas foram utilizadas neste capítulo, discorreremos sobre a importância dos jornais como veículo de contestação e veremos como se organizou a campanha republicana em Sergipe, através da imprensa. Logo após, iniciaremos a análise detalhada dos periódicos mencionados.

De acordo com a historiadora Fayga Marcielle Madeira de Oliveira, a propaganda era o único meio de contestação para aqueles que não tinham participação política, isto é, que não detinham do direito à palavra. Os republicanos entendiam a República como o resultado natural da “evolução política”, então a propaganda empreendida era, possivelmente, uma tentativa de justificar o governo que almejavam instaurar, sendo também o único veículo para conduzir ao progresso. (OLIVEIRA, 2012, p. 2-7)

Segundo Nelson Werneck Sodré, as questões vivenciadas pela sociedade acabavam se refletindo e influenciando as publicações dos jornais, isto é, as matérias publicadas na imprensa reproduziam o quadro apresentado pelo país. (SODRÉ, 1966, p. 223). Então, além de divulgarem os acontecimentos, os órgãos jornalísticos se posicionavam também como formadores da opinião pública.

É o que também afirma William Gaia Farias, historiador e professor da Universidade Federal do Pará. De acordo com ele, os jornais são meios de comunicação capazes de informar, através da divulgação de diversos acontecimentos, e de promover transformações. Além disso, são propagadores de propostas políticas e manifestam valores de determinados grupos, como partidos políticos. (FARIAS, 2009, p. 306)

No período da campanha republicana, Werneck Sodré afirma que após a publicação do Manifesto Republicano em 1870, alguns jornais passaram a publicar conteúdos dando mais destaque aos assuntos relacionados à política. Isso porque até então, no Brasil, as matérias eram mais voltadas à literatura. Em 1875, o clima em São

⁵⁷ 15 de novembro de 1889, data da Proclamação da República.

Paulo⁵⁸ refletia os acontecimentos que impactavam o país, como o fim da Guerra do Paraguai, as questões abolicionistas e as ideias republicanas. (SODRÉ, 1966, p. 225)

A euforia imperava no cenário da imprensa brasileira, principalmente nos órgãos fundados por adeptos ao republicanismo, que com pensamentos muito marcados pelos ideais de “Ordem e Progresso”⁵⁹ propagavam as novas ideias. De acordo com Luca, geralmente a imprensa no século XIX tinha um caráter mais doutrinário, sendo utilizada como mecanismo de luta e era fruto de um indivíduo que pagava os custos do processo de produção do material jornalístico. (LUCA, 2010, p. 133)

E é justamente nesse período, no Segundo Reinado, que o uso da imprensa é intensificado no Brasil. Dentre as diversas tipografias que surgem, estavam jornais de oposição à Monarquia, como os republicanos, ou os que lutavam contra a escravidão. Esses jornais eram organizados, geralmente, por questões ideológicas e sem o interesse de retorno financeiro. (RABELO, 2013, p. 179)

Depois de termos observado a relevância dos jornais como influenciadores, sendo um mecanismo de expor insatisfação e de luta contra a ordem vigente, estudaremos como o movimento republicano, em Sergipe, utilizou esse recurso como meio de contestação ao regime monárquico.

É necessário enfatizar que os periódicos republicanos, selecionados nesta pesquisa, tinham orientação filosófica e visavam difundir as novas ideias da época de forma bem didática a fim de explicar o movimento e influenciar seus conterrâneos. A propaganda era uma importante arma para propagar o pensamento democrático, como os republicanos do período denominavam a República.

Dessa maneira, era possível ganhar novos adeptos para legitimar o novo regime que pretendiam instaurar. Era um trabalho de “formiguinha”, como se diz no popular. Pois era aos poucos que iam conseguindo ganhar espaço no cenário sergipano, sendo bons influenciadores da opinião pública. Seu objetivo era educar a população para receber o novo sistema de governo, onde teriam maior participação. (SOUZA, 1985, p. 56)

De acordo com a historiadora sergipana Terezinha Oliva de Souza, a propaganda republicana geralmente apelava para a situação de abandono em que Sergipe se

⁵⁸ Foi em São Paulo onde o Partido Republicano estava mais organizado e empenhado na propaganda republicana.

⁵⁹ Lema muito defendido e propagado pelos republicanos do período e que mais refletia as influências da corrente positivista.

encontrava. A província seguia dependente da Bahia, seus produtos continuavam saindo sob rótulos pernambucanos ou baianos, estava isolada e carente de qualquer tipo de auxílio por parte do governo de D. Pedro II. (SOUZA, 1985, p. 57)

Para comprovar isso, a professora Oliva de Souza utilizou o comentário de Manuel Curvelo de Mendonça⁶⁰, um republicano histórico, que afirmou: “(...) não fomos de todo esquecidos. Conseguimos não poucas patentes da guarda nacional e outras coisas igualmente úteis para a prosperidade geral do povo”. (SOUZA, 1985, p. 57)

Então, como observa-se, eram sérias as críticas direcionadas à Monarquia e cada vez mais declaradas. Agora, as seguintes páginas serão dedicadas à análise dos jornais escolhidos como fontes. Através deles conseguiremos perceber que, realmente, as críticas aumentavam consideravelmente a cada publicação. É como se a coragem de reagir ao sistema fosse crescendo gradativamente.

A começar pelo jornal *O Horizonte*, observamos a seguinte situação: suas edições eram semanais e denominava-se órgão imparcial, ainda não se declarava republicano, porém, através do caráter de suas publicações, é possível constatar que tinha sim uma orientação política bem posicionada.

É importante esclarecer que as transcrições de alguns trechos dos jornais serão atualizadas para a atual norma culta gramatical, sendo feitas as devidas correções. Observaremos agora algumas delas: “Esquecida completamente pelos Governos deste Império, jaz a província de Sergipe, vigiada apenas pelo majestoso S. Francisco e Rio Real”⁶¹.

Nesse fragmento é possível identificar a queixa do escritor, que segue a matéria relatando que Sergipe vivia sufocada pelas províncias maiores e de nada adiantava o empenho dos contrerrâneos em contribuir para o progresso da nação. Nessa ocasião, o que motivou o desabafo foi a questão da estrada de ferro que os sergipanos queriam construir nessa região.

De acordo com o jornal, a construção da linha férrea foi transformada em projeto, chegando a ter a “feição de lei”, porém quando ocorreu a distribuição da verba, Sergipe

⁶⁰ Manuel Curvelo de Mendonça (1870-1914), ainda muito jovem se envolveu nas questões políticas, aderiu ao Republicanismo e foi forte defensor da abolição. Escreveu no jornal *O Republicano de Laranjeiras*. (GUARANÁ, 1925, p. 388)

⁶¹ *O Horizonte*, nº 3, de 16/06/1885.

perdeu o benefício para outras províncias, se tornado assim, a única localidade em todo o país que não teve um benefício desses.

Em outra publicação do mesmo mês, observamos outras críticas à política: “Somente a política é que impera no campo hostil, cujo triunfo é sempre em detrimento do engrandecimento desta terra, digna de melhor sorte”⁶².

Nesta observação, a insatisfação é gerada por causa das dificuldades sofridas no comércio dos produtos agrícolas, que o governo não possibilita meios para o seu desenvolvimento. Havia sido promulgada uma lei para criação de uma linha de navegação direta para a Europa, porém decorrido bastante tempo nada havia sido feito.

Em outro trecho da mesma matéria é possível notar uma característica do pensamento dos propagadores republicanos: “Na marcha evolutiva que o progresso traz para o engrandecimento dos povos, ao comércio, às artes, à indústria e as ciências [...]”⁶³.

Comumente, os propagandistas transmitiam a ideia de que a República traria o progresso para o Brasil, a exemplo do que já havia acontecido em “países civilizados”⁶⁴. A Monarquia, por sua vez, era frequentemente associada ao fracasso da nação.

As reclamações eram infinitas e sempre remetendo à situação de abandono em que a província de Sergipe se encontrava. É o que notamos no trecho a seguir: “Províncias inferiores à nossa, não só em população, como em produção, gozando de benefícios aos seus variados meios de vida”⁶⁵.

Nesta passagem podemos entender que o autor do artigo tentou expressar que não existiam justificativas para o descaso que enfrentavam, isto é, não era devido à pequena dimensão territorial ou ao pouco contingente populacional, pois outras províncias menores desfrutavam de mais atenção por parte do Império e que, por isso, se encontravam em melhores condições.

E as denúncias contra o governo não cessavam. Num artigo do mês de agosto de 1885, o jornal criticava o peso dos altos impostos, como podemos ver adiante:

⁶² *O Horizonte*, nº 4, de 23/06/1885.

⁶³ *O Horizonte*, nº 4, de 23/06/1885.

⁶⁴ Como foi explicado no primeiro capítulo deste estudo, eram considerados civilizados os costumes dos países europeus.

⁶⁵ *O Horizonte*, nº 6, de 08/07/1885.

Todas as classes gemem sob o peso dos impostos e clamam contra a iniquidade deles. A centralização, a convergência da grande parte das rendas de todas as províncias para o tesouro nacional. A centralização, a convergência da grande parte das rendas de todas as províncias para o tesouro nacional traz como consequência a penúria para algumas delas⁶⁶.

A questão toda é que além dos impostos, considerados por eles, abusivos, reclamavam da falta de garantia de retorno, isto é, de auxílio quando precisassem. A matéria segue criticando que todos os problemas brasileiros são resolvidos através do aumento ou da criação de novos tributos. Denuncia, também, o centralismo político e o beneficiamento na ocupação de cargos públicos por pessoas apadrinhadas pelos políticos.

E à medida que os meses vão passando, o clima político fica mais exaltado. No trecho que mostraremos abaixo, o autor rege duras críticas ao próprio monarca. Vejamos: “E o nosso monarca, de palanque, observando a disputa dos dois gladiadores, cingindo a fronte de louros e entregando as chaves do tesouro nacional àquele que mais promete executar os seus intentos”⁶⁷.

Essas críticas foram tecidas quando o partido liberal perdeu o poder para o partido conservador. O autor do artigo teme o aumento dos impostos e, pessimista, expõe não acreditar numa regeneração política e social do Brasil enquanto continuar nessa situação. As boas propostas não tinham espaço em meio aos interesses dos poderosos.

E a propaganda republicana seguia combatendo o regime monárquico. Através das denúncias, minavam ainda mais a imagem fragilizada do Império. No mês seguinte, em outubro de 1885, o jornal se posiciona ainda mais em favor da República, expondo nitidamente suas vantagens. No trecho a seguir, temos uma amostra disso:

Os espíritos bem compenetraram-se então das vantagens da forma republicana, que traduz a firme manutenção da ordem, a estabilidade de um governo, uma grande liberdade, a estabilidade de um governo progressivo, sem o qual a ordem tornar-se-ia um perigo⁶⁸.

A matéria jornalística citava o caso da França que havia derrubado no século anterior, no final do XVIII, o regime monárquico. O resultado foi a vitória das ideias de liberdade, sendo exaltados a ciência e o progresso. Pregava que na França a República

⁶⁶ *O Horizonte*, nº 12, de 26/08/1885.

⁶⁷ *O Horizonte*, nº 13, de 04/09/1885.

⁶⁸ *O Horizonte*, nº 18, de 11/10/1885.

havia dado certo, por isso, nesse recorte o redator revelava as vantagens dessa nova forma de governo.

Nas linhas que se sucede o artigo, o redator defende a questão de instruir as massas populares para, dessa forma, conseguir promover a tão almejada “regeneração político-social”. Era a única alternativa para mudar a situação em que se encontravam, com o auxilia da educação e da ciência conseguiriam mudar o quadro.

Realmente como é observado no jornal, a instrução era uma causa muito defendida pelos republicanos, chegando a ser utilizada pela propaganda. A exemplo disso, foi a criação poucos anos depois, do Liceu Laranjeirense, escola de educação noturna para todas as pessoas independente de situação financeira, origem de nascimento, credo ou tom da pele.

Continuando com a análise do jornal *O Horizonte*, traremos agora o trecho de outra publicação que revelava o andamento da propaganda no Rio de Janeiro, em que o redator sergipano teceu muitos elogios à conduta de Anfriso Fialho⁶⁹ e o benefício de sua iniciativa como propagador dos ideais republicanos. Observemos: “O distinto republicano propõe-se a publicar na Corte um jornal que ponha em pratos limpos, como se costuma dizer e em linguagem popular, a conduta do sr. Pedro II”⁷⁰.

Como podemos observar nesse fragmento, o objetivo do jornal de Fialho era de denunciar a conduta do imperador brasileiro e sua política baseada no poder pessoal. Algo que chama a atenção é o fato do republicano tratar o monarca como “sr. Pedro II”, isto é, sem tanta distinção como era habitual nessa época.

Mais adiante, na edição nº 22, do dia 08 de novembro de 1885, o jornal expôs uma matéria na qual intitulou “O Processo da Monarquia Brasileira pelo Dr. Anfriso Fialho”. Nesse artigo o redator de *O Horizonte*, resume as ideias principais do livro escrito por Fialho, deixando transparecer que concordava com as assertivas.

⁶⁹ Lutou na Guerra do Paraguai, mas depois mudou-se para a Europa, onde estudou ciências políticas e administrativas. Foi deputado federal nos primeiros anos da República.

⁷⁰ *O Horizonte*, nº 19, de 18/10/1885.

No livro, Fialho tentou provar a existência do poder pessoal do Imperador⁷¹. Fez isso através de relatos de homens do Estado, como líderes dos dois partidos monárquicos, ex ministros, dentre outros. Era uma verdadeira denúncia ao centralismo da Monarquia.

Vejamos um trecho retirado da referida matéria, onde o redator faz suas considerações: “Torna-se ele o único poder da nação, afim de tudo e todos, instituições e homens, dependam de si e possa governa-los ou dirigi-los no sentido dos interesses do trono”⁷².

Percebe-se que era uma tentativa do monarca de concentrar o poder em suas mãos, não deixando espaço para forças contrárias aos seus interesses. O que era uma verdadeira contradição, visto que, o Brasil tinha oficialmente uma Monarquia Constitucional, sendo, portanto, dever do Imperador respeitar as leis constituídas e, não manipulá-las como era constantemente acusado.

Na propaganda desse período, acontecia também a transcrição de matérias de outros jornais, como a que iremos mostrar a seguir, que foi retirada do jornal “Gazeta da Tarde”: “Foi a política do imperador a causa de tudo o que hoje se está dando; foi sua majestade o ponto de partida da cegueira das consciências”⁷³.

Geralmente era transcrita e publicada por outro órgão jornalístico, uma matéria que, obviamente, tivesse compatibilidade de ideias entre os dos dois jornais sobre o assunto que seria exposto ao público. Era um meio de legitimar suas concepções, mostrando que mais pessoas pensavam da mesma forma e lutavam pelos mesmos objetivos. Nessa passagem, é possível perceber que responsabilizavam o imperador pelo fracasso da política nacional, marcada por corrupção e compra de valores.

Agora, que foi encerrada a análise da coleção dos jornais de *O Horizonte* que foram selecionados para este trabalho, será iniciada a apreciação das publicações do jornal *O Laranjeirense*. A primeira delas é do dia 01 de janeiro de 1888, onde o redator afirma: “A imprensa é uma das maiores forças da civilização de um povo. E em Sergipe torna-se preciso que ela seja livre, independente, criteriosa”⁷⁴.

⁷¹ D. Pedro II era acusado de centralizar todo o poder em suas mãos, julgando mediante suas vontades e interesses, apesar de dever se sujeitar à Constituição.

⁷² *O Horizonte*, nº 22, de 08/11/1885.

⁷³ *O Horizonte*, nº 23, de 15/11/1885.

⁷⁴ *O Laranjeirense*, nº 51, 01/01/1888.

Essa passagem demonstra que os republicanos tinham noção da importância dos jornais para a propaganda do novo regime. Se colocam na condição de força civilizadora e tentam criar o espírito democrático na região. Mais adiante, revela que a ideia política nutrida pelo jornal era de fundamental importância para o progresso do povo.

Em outro trecho da mesma edição, o redator revelou o empenho e dedicação para que o jornal fosse publicado. Mais adiante fez uma avaliação da fisionomia política do Brasil, em que definiu os dois partidos monárquicos, revelando que apesar da nomenclatura distinta, ambos tinham a mesma estrutura e haviam sido originados do mesmo sistema político, o que chama de “defeito de origem”.

Em outro boletim, era relatado o estado de saúde do imperador e uma possível sucessão da coroa. Mencionou, ainda, a possibilidade de acontecer uma revolta e que, por isso, as forças militares estavam posicionadas na capital do império. Notemos: “A coincidência desse movimento com a probabilidade da abdicação é bastante expressiva para ser ela o ponto final desse sistema que tem regido o país desde os tempos coloniais”⁷⁵.

O movimento do qual faz menção esse recorte, são as agitações separatistas que estavam ocorrendo. Além disso, crescia um forte sentimento democrático e uma possível abdicação do imperador. Vejamos o trecho a seguir: “No Norte do país o movimento separatista das províncias ganha vulto e no Sul o movimento abolicionista”⁷⁶.

Então, uma série de fatores abalavam a estrutura monárquica do Brasil e aumentava o clima de instabilidade política. O próximo recorte foi retirado do boletim do dia 23 de setembro de 1888. Nele é possível constatar o avanço do Movimento Republicano: “Na agitação perene que se nota no seio do povo brasileiro à bem do desenvolvimento da ideia republicana, está lavrada as sentenças de morte das instituições, que atualmente regem o país”⁷⁷.

Na matéria, o redator atualiza os leitores dos principais acontecimentos relacionados ao crescimento da ideia republicana. Cerca de um ano antes da Proclamação, os ânimos já estavam bastante acirrados, era evidente que em pouco tempo a República

⁷⁵ *O Laranjeirense*, nº 56, 12/02/1888.

⁷⁶ *O Laranjeirense*, nº 56, 12/02/1888.

⁷⁷ *O Laranjeirense*, nº 87, 23/09/1888.

seria uma realidade e, não mais, um devaneio de um grupo de intelectuais ou dos ressentidos ex proprietários de escravos.

Nas linhas da publicação, era declarado que a ideia republicana já havia se instalado na alma dos brasileiros. Quanto ao andamento da campanha em prol da República, revelava que de diversas maneiras estava sendo anunciada a nova forma de governo. Vejamos: “Agita-se a propaganda abertamente revolucionária em todos os ângulos da província, quer por meio das conferências e da imprensa, quer por meio de panfletos. E aumentam as adesões”⁷⁸.

Primeiramente, isso demonstra que a propaganda era realizada de várias maneiras e, não somente através dos jornais. Porém, neste estudo foi preferido trabalhar apenas com a propaganda veiculada na imprensa sergipana do período. Outra questão que vale ressaltar é o fato de que a ideia republicana foi levada até os lugares mais remotos, como afirma o autor da publicação.

E o resultado de todo esse engajamento era exatamente o que eles almejavam: mais adesões ao movimento. Isso demonstra o quanto a propaganda contribuiu para o avanço dos ideais republicanos e que realmente sua atuação surtia efeito.

Para concluir a utilização do jornal *O Laranjeirense* neste estudo será utilizado um recorte do boletim de novembro de 1888, em que é divulgada a criação do Manifesto Republicano de Sergipe. A declaração começa assim:

Nós, abaixo assinados, declaramos não pertencer mais a nenhuma das políticas monárquicas deste país – liberal ou conservadora – e sim ao patriótico e democrático Partido Republicano. Convictos de que a Monarquia, planta exótica neste país, tem sido o maior tropeço para o progresso⁷⁹.

Afirmavam os autores do Manifesto que a Monarquia era o maior tropeço para o progresso e, na matéria, convidavam todos os cidadãos para a próxima reunião, momento em que seria organizado o novo partido em solo sergipano. Era do interesse desse grupo que mais pessoas participassem dos encontros para haver a legitimação do movimento.

Todas essas ações colaboraram, direta ou indiretamente, para a instalação do Novo Regime Político: a República. Muito provavelmente, por isso, não houve em Sergipe

⁷⁸ *O Laranjeirense*, nº 87, 23/09/1888.

⁷⁹ *O Laranjeirense*, nº 92, 28/10/1888.

nenhum movimento organizado que ameaçasse abalar a Governo Republicano quando este chegou ao poder. Para entendermos como a nova administração política foi recebida no estado, será abordado adiante uma matéria do jornal *O Republicano*:

Erguida o governo organizado acompanhado pelos cidadãos supracitados, grande massa do povo dirigiu-se ao Palácio do Governo, e ali deu conhecimento ao vice-presidente em exercício Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz que se havia resolvido, intimando-o a deixar o cargo⁸⁰.

Observamos que a publicação, mesmo sendo de janeiro de 1890, relata os acontecimentos decorridos logo após a proclamação da República. Os cidadãos supracitados que o trecho faz menção, são o Tenente-Coronel Antônio de Siqueira Horta e o Major Antônio Diniz Dantas e Melo. Depois de uma breve hesitação, o Dr. Thomaz acabou cedendo.

Além de relatar a ocupação do novo governo, na mesma edição faz saudação ao novo governador de Sergipe, o Dr. Felisbelo Firmo de Oliveira Freire, citando também a junta provisória que administrou o estado do dia 17 de novembro até o mês de dezembro do mesmo ano, quando então Felisbelo assumiu o poder. Vejamos:

Na qualidade de membros do Governo deste Estado Federal, temos hoje a grande honra de depositar em vossas mãos o mesmo Governo, de que nos achávamos investidos desde o dia 17 de novembro próximo findo. E com o mais justo e fundado desvanecimento que assim procedemos [...] ⁸¹.

Nessa passagem, o professor Balthazar Góes e o Siqueira de Menezes, membros do Governo Provisório, transferem o poder para as mãos do primeiro governador republicano do estado de Sergipe.

Depois de analisarmos o desfecho da campanha republicana em Sergipe, é relevante recapitularmos algumas questões. Observamos, então, que a campanha republicana fez muito uso de uma construção negativa da imagem do Imperador e da Monarquia, responsabilizando-os pelo atraso da nação e denunciando suas práticas políticas. Em contrapartida, propagaram os diversos benefícios que a República ocasionaria para o Brasil.

⁸⁰ *O Republicano*, nº 53, de 16/01/1890.

⁸¹ *O Republicano*, nº 53, de 16/01/1890.

Diante de todos os recortes de jornais aqui citados, é perceptível que a imprensa republicana em Sergipe, muito argumentou para anunciar o novo sistema político e ganhar adesões. Dentre os principais argumentos contra a Monarquia pode-se destacar a questão da situação de abandono público em que a província se encontrava, os altos impostos cobrados pelo governo, o centralismo político e a má distribuição dos favores políticos. Já dentre as vantagens da República defendiam que essa nova forma de governo traria uma manutenção da ordem de forma mais firme e eficaz, estabilidade e liberdade.

Realmente, foi pego de surpresa com a Proclamação da República quem estava completamente desatento com os temas mais discutidos no momento. Pois, o clima político brasileiro estava exaltado faz tempo. Eram nítidos os sinais de que a Monarquia instalada nesta terra iria ruir mais cedo ou mais tarde.

CONCLUSÃO

Pode-se considerar, que o Brasil do final do século XIX passou por sérias mudanças políticas e sociais. A abolição da escravidão e a Proclamação da República representam bem essas transformações. No que se refere à crise da Monarquia brasileira, observa-se que uma série de fatores colaboraram para o seu fim, em novembro de 1889.

Dentre eles, podemos citar o centralismo político; altos impostos e falta de apoio financeiro a várias províncias; insatisfação de alguns setores do Exército, motivada pela falta de reconhecimento por parte do imperador, diante da vitória na Guerra do Paraguai; a abolição dos escravos e a difusão de ideais republicanos em meio à população letrada da época. Então, percebe-se que forte sentimento de insatisfação acometeu parte da população brasileira.

A província de Sergipe, por sua vez, participou ativamente dos debates políticos do período, sendo palco de diversos conflitos. Nesse cenário destacou-se o renomado professor Balthazar Góes que lutou em prol da República. O seu pensamento se consistia nos ideais de progresso, evolução, liberdade, descentralização política, patriotismo e valorizava a instrução das massas como um meio para resolver as questões sociais brasileiras. Além disso, foi um forte e dedicado propagador da República, tendo colaborado muito com a imprensa sergipana desse período.

Quanto à imprensa, vale enfatizar que foi muito utilizada para propagar o novo sistema político. Essa propaganda consistia em, através de suas matérias jornalísticas, difundir as qualidades da República e destacar os pontos negativos do Império. Isto é, a propaganda não consistia apenas em supervalorizar um sistema de governo, mas também, de desqualificar o outro.

As fontes utilizadas na pesquisa ajudaram a esclarecer as hipóteses e a atingir os objetivos almejados. Como mencionado ao longo deste estudo, uma fonte foi o livro escrito por Balthazar Góes e, as outras foram recortes de jornais pertencentes a membros do Clube Republicano Laranjeirense.

Através delas foi possível perceber as causas da insatisfação de um grupo de intelectuais sergipanos para com a Monarquia, como ocorreu a campanha republicana e as consequências desse movimento para a política da antiga província.

Ao final, espera-se que este estudo tenha contribuído para esclarecer dúvidas relacionadas ao tema e ocasionado uma ampliação e diversificação dos debates decorrentes. A proposta maior foi a de colaborar com a História do estado de Sergipe e dar notoriedade a esta terra e a um filho seu, Balthazar, que não tem sido tão explorado nas pesquisas acadêmicas.

FONTES

Livro:

- a) GÓES, Balthazar. **A República em Sergipe:** apontamentos para a história de Sergipe, 1870-1889. Laranjeiras, 1891. Reedição organizada pela Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju – SE, 2005.

Jornais:

O Horizonte – Disponível na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, Aracaju/SE.

- a) Número 03, de 16 de junho de 1885.
- b) Número 04, de 23 de junho de 1885.
- c) Número 06, de 08 de julho de 1885.
- d) Número 12, de 26 de agosto de 1885.
- e) Número 13, de 04 de setembro de 1885.
- f) Número 18, de 11 de outubro de 1885.
- g) Número 19, de 18 de outubro de 1885.
- h) Número 20, de 08 de novembro de 1885.
- i) Número 23, de 15 de novembro de 1885.

O Laranjeirense – Disponível na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, Aracaju/SE.

- a) Número 51, 01 de janeiro de 1888.
- b) Número 56, de 12 de fevereiro de 1888.
- c) Número 87, de 23 de setembro de 1888.
- d) Número 92, de 28 de outubro de 1888.

O Republicano – Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/73>.

- a) Número 53, de 16 de janeiro de 1890.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Francisco José. **A Fortuna Crítica de Felisbello Freire – 1888-1891**. Cadernos UFS: História, S. Cristóvão, v.2, n. 2, p. 51-59, jan-jul. 1996.
- AMARAL, Sharyse Piroupo do. Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900). Salvador, Aracaju – SE: EDUFBA, Diário Oficial, 2012.
- AZEVEDO, André Nunes de. **As noções de Progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia**. IN: Revista Eletrônica de História Outros Tempos – Pesquisa em Foco (UEMA): Rio de Janeiro, 2016.
- BALZAC, Honoré de. **Eugenia Grandet**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BELLO, José Maria. **História da República: 1889-1954**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-04-25 05:13:49]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/duunvirato>
- DURANT, W. **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- FARIAS, William Gaia. **Em Nome da República: imprensa, eleições e deportações no Pará Republicano**. In: IV Congresso Internacional de História, 2009, Maringá. V Congresso Internacional de História. Maringá: Editora Clichetec, 2009, p. 1-17
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História política de Sergipe: do golpe de 15-11-1889 ao golpe de 31-03-1964**. s.n.t. Aracaju: 1986.
- GÓES, Balthazar. **A República em Sergipe: apontamentos para a história de Sergipe, 1870-1889**. Laranjeiras, 1891.
- GUARANÁ, Armindo. **O Dicionário Biobibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925 (p. 84 e p. 85).
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

MATTOS, Hebe. **Raça e cidadania no crepúsculo da modernidade escravista no Brasil**. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial: Volume III – 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da república: O Brasil na virada do século XIX para o século XX**. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). **Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, v. 4. P. 14 a 44.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984.

_____. **Sergipe Provincial II: 1840/1889**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

ODÁLIA, Nilo. **As Formas do Mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Fayga Marcielle Madeira de. **A Propaganda Republicana como Ação Política – apontamentos para a História da República, Campos Porto (1890)**. In: XXI Encontro Estadual de História: trabalho, cultura e memória – ANPUH-SP, 2012, Campinas. São Paulo: ANPUH-SP, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

RABELO, Aline Augusta Rocha. **Anedotas e a discussão da história dos costumes na sociedade aracajuana em jornais do final do século XIX (1871-1878)**. In: Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira, ano VI, nº 08, 2013, p. 172-189.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

ROWLAND, Robert. **Patriotismo, povo e ódio aos portugueses**. São Paulo, 2005, p. 365.

SILVA, Alan Victor Flor da. **Inglês de Sousa na história da literatura brasileira**. Revista escrita: revista do curso de letras da UNIABEU, v. 7, p. 319-334, 2016.

SOARES, Mozart Pereira. **O Positivismo no Brasil: 200 anos de Auguste Comte**. Porto Alegre: Editora AGE, 1998.

SODRÉ, Nelson W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Maria do Carmo. **O processo político-partidário na I República**, IN Brasil em perspectiva, pág.162 - 226. São Paulo: Difel, 1975.

SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses do Federalismo Brasileiro: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.